

Maria Leontina
poética e metafísica

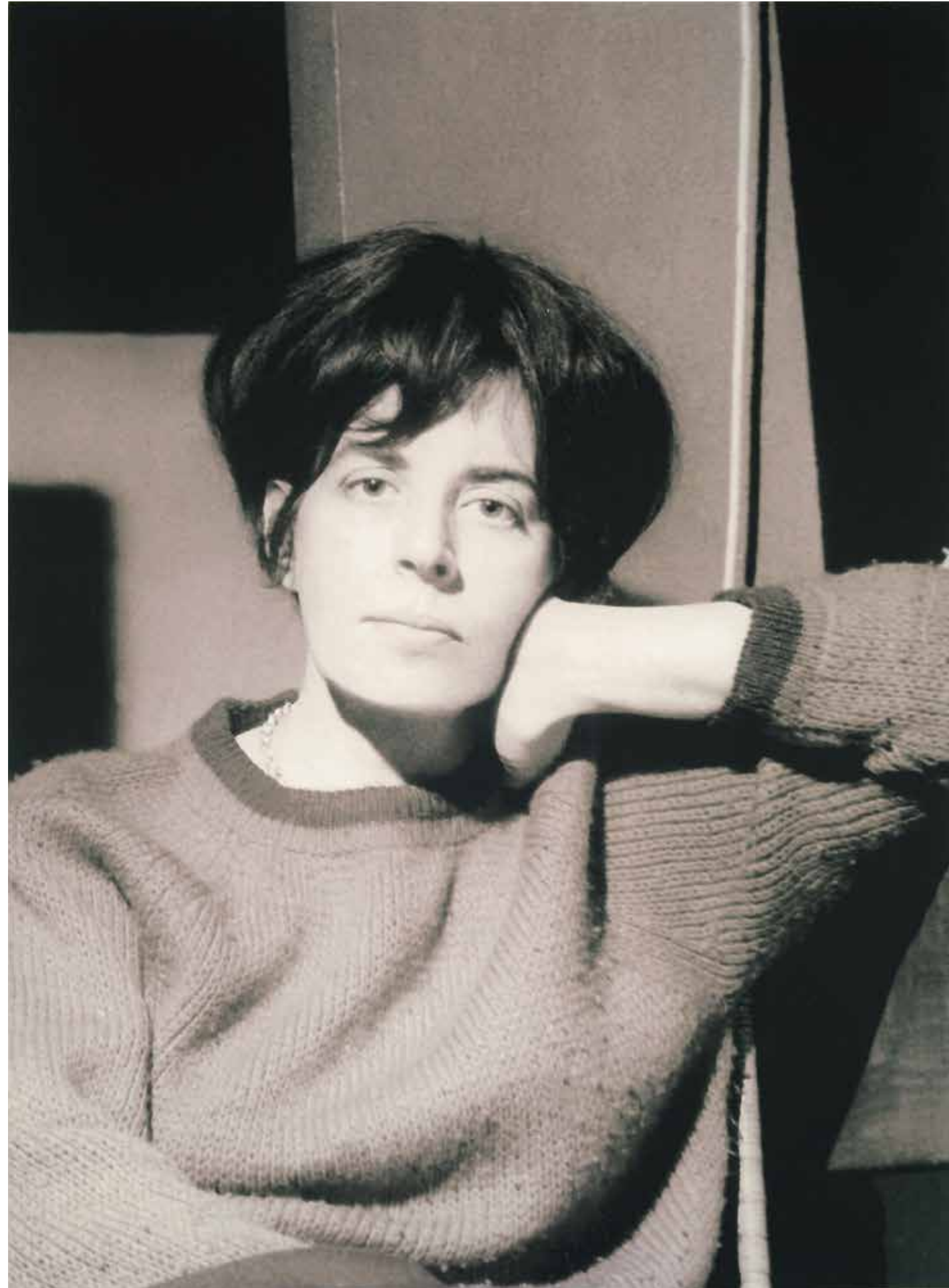


Maria Leontina

poética e metafísica

de 26 de outubro a 30 de novembro de 2017
abertura 26 de outubro, quinta-feira, das 19h às 22h





Maria Leontina
fotografia Dulce Carneiro
acervo Alexandre Dacosta

entre a margem e a paisagem — Maria Leontina

“A arte se faz com as mãos. São elas o instrumento da criação, mas também o órgão do conhecimento.”

Henri Focillon

Uma atmosfera musical, etérea, de sonora vibração visual, ao alcance de uma dinâmica que perfaz do murmúrio pianíssimo ao forte, emana das pinturas e desenhos de Maria Leontina. De suas mãos surgiram linhas, planos, cores, manchas, como mãos de pianista que atacam e depois se elevam leves entre as teclas do instrumento erigindo pausas ou sustentações de notas, — é nesse hiato que emerge um espaço de reflexão, de combustão do pensamento.

Como nas peças dos diversos compositores que ouvia, Eric Satie ou Claude Debussy, por exemplo, o tempo do espaço pictórico de Maria Leontina é largo, impreciso, como um lago e seu movimento interno, ou como aragem polirrítmica que sopra suave, dando a impressão de um gesto em suspensão.

Nesse eflúvio, respirei como filho esse aroma proteico e poético, de um tempo influxo em reticências. Em nossa casa, na rua Inhambu, em Moema, São Paulo, e na rua Maria Quitéria, em Ipanema, Rio de Janeiro, vivenciei esse silêncio extensivo, quase sacro, e entendido como poesia. Na infância de Leontina, no íntimo da sua família Mendes de Almeida, chamavam-na com uma abreviação do seu nome que talvez já fosse um preságio: “Tinta”.

Maria Leontina nasceu em 22 de julho de 1917 na cidade de São Paulo. Assim, a exposição na Dan Galeria comemora o seu centenário de nascimento e reúne além de obras selecionadas de colecionadores, desenhos e pinturas inéditas. São trabalhos de várias épocas que nunca saíram de seu ateliê, ou ficaram recônditos esses anos todos nas paredes da casa de sua irmã, a crítica de arte Maria Eugênia Franco (1915-2000), e foram se depurando, em uma íntima convivência com o tempo.

Gesto em Suspensão

Letra: Maria Leontina | Música: Alexandre Dacosta

invisível mar, fluir profundo, reinos, vestes
imaginação alçar, repouso, corpo, azul
neutro espaço, vago olhar, leve, sopro, branco, sutil
transparência oculta o tempo, decifra a paisagem, interna, espera
gesto em suspensão, no ar, refração de luz, solar
gesto em suspensão, supor, refração de luz, transpor

Em tempo, Maria Leontina adoraria ter presenciado o prolongamento de sua sensibilidade através da convivência com sua nora, Lucília, e seus netos, Dora e Tomás.

Rio de Janeiro, 13 setembro de 2017
Alexandre Franco Dacosta

Maria Leontina: o enigma da obra de arte

Paula Braga

Para além da discussão sobre concretos e neoconcretos, a arte brasileira dos anos 1950 provê um sofisticado material para o estudo do imbricamento entre arte e filosofia. Ainda que nas várias camadas de uma obra a ênfase na forma possa sobressair, o pensamento conceitual, seja voltado à metafísica, ou à ética, ou à própria forma sensível, é a base do fazer artístico. A arte de Maria Leontina é um dos exemplos mais contundentes do arcabouço filosófico do construtivismo brasileiro e, refratário à querela entre paulistas e cariocas que ocupou tantas páginas da nossa historiografia da arte, só recentemente vem recebendo estudos teóricos que superam as limitações da geopolítica da crítica de arte.

Alternando sua base geográfica entre São Paulo e Rio de Janeiro, Leontina conduziu uma coerente pesquisa formal que chegou à abstração geométrica por volta de 1955, por necessidade conceitual: pensando sobre a natureza do tempo, essa leitora de Santo Agostinho¹ valeu-se das formas matemáticas para nos conduzir ao questionamento do Livro XI das *Confissões*: “O que é o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não o sei.”

A exposição na Dan Galeria, que marca o centenário de nascimento de Maria Leontina (1917-1984), percorre o enigma do tempo que a artista investigou desde ao menos 1954, e que motivaria também grande parte da produção de outros artistas brasileiros da vertente construtiva, como o *Livro da criação* (1959) e o *Balé neoconcreto* (1958), de Lygia Pape, ou a cor-tempo de Hélio Oiticica (1959).

Antes de incluir a abstração geométrica em seu vocabulário formal, Leontina produziu nos anos 1940 retratos que aliam o traço expressionista à serenidade. Apesar do vigor das pinceladas e das linhas escuras marcando contornos, as figuras emanam a paz de quem saboreia o escoar vagaroso do tempo, com olhos baixos e pálpebras relaxadas. A paleta de azuis claros e brancos acalma os tons terrosos mesmo quando chegam ao vermelho, indicando que expressividade pode prescindir de angústia e que a quietude não é sinônimo de melancolia. A temporalidade que perpassa a personalidade e a obra da artista é característica marcante tanto dos retratos quanto da produção subsequente, como bem articulado por Paulo Venâncio Filho, uma temporalidade que sugere “um solipsismo de-

morado e sem pressa, determinado por uma espécie de devaneio lúcido”, “um tempo que flui, quase imperceptível, quase imóvel.”² O tempo nos retratos não é o tempo do movimento, mas o tempo interior da quietude.

As naturezas-mortas do final dos anos 1940 contrapõem-se à suave estabilidade dos retratos. Evocam Paul Cézanne e a iminência de movimento nos tampos de mesa que se inclinam em direção ao plano da tela, como que despejando maçãs para fora do quadro. Planos prismáticos misturam figura e fundo, com linhas diagonais conduzindo o olhar pela tela toda. Com esforço consciente para parar o movimento dos olhos, o espectador consegue deter-se em um dos vários conjuntos de garrafas, isoladamente serenos, como se o espaço de Cézanne recebesse composições de Giorgio Morandi salpicadamente. No todo instável, Leontina poua o silêncio denso morandiano.

Ainda na primeira fase figurativa, Leontina pinta uma série de Sant’Anas lendo com a menina Maria. Desafiando a iconologia, é grande a tentação de imaginar que nessas pinturas a avó de Cristo esteja mostrando imagens, e não letras, à filha. Leontina colecionava imagens de Sant’Ana e como observado por Herkenhoff, nas pinturas da santa tanto os jogos planares como o tema da leitura anunciam a futura série *Páginas* que, como argumentaremos, faz parte de uma sequência de obras sobre a percepção do tempo.

As pinturas de Sant’Ana ensinando Maria a ler apontam também para um sentido da maternidade como continuidade, passagem de vivências para o futuro, num escoar do tempo que faz o presente (e a arte) transmitir-se para o futuro. O tema da passagem do tempo é uma das possíveis leituras que esta exposição nos apresenta com obras das fases *Jogos e enigmas* (iniciada por volta de 1954), *Da paisagem e do tempo*, *Episódios*, *Cenas*, *Narrativas* (todas iniciadas concomitantemente em torno de 1956), *Estandartes* (iniciados nos anos 1960) e das já mencionadas *Páginas* (dos anos 1970), que é também a década dos *Umbrais/ Altares* e de *Os reinos e as vestes*. Os títulos conferidos pela artista às séries indicam o interesse pela passagem dos instantes, seja na forma da narrativa (cenas, episódios, páginas), seja nos mistérios ontológicos do tempo (jogos, enigmas), na relação entre tempo e espiritualidade (umbrais, altares, reinos, vestes), ou no tempo como movimento físico e social (estandartes).

Nas *Confissões* de Santo Agostinho o enigma do tempo é investigado a partir da impossibilidade de que algo que não existe possa estar presente. Sentimos de certa forma que existem três tempos — passado, presente e futuro — mas como pode o passado existir se ele já não é mais? Como pode o futuro existir se ele ainda não é? O que é o presente, se logo ele deixa de ser? Essas indagações devem ter ocupado os dias de Leontina em seu ateliê. Cercada de livros, figuras de santos barrocos, ex-votos, obras de artistas que admirava e uma reprodução de Paolo Ucello³, Leontina desenvolveu uma prática disciplinada que nos deixou milhares de composições como índices do tempo da introspecção criativa.

Leontina teve ateliês em suas casas de São Paulo e Rio de Janeiro, sempre tomando o cuidado de manter seu espaço de trabalho separado do ateliê de Milton Dacosta, seu marido. Em uma época em que o sistema da arte no Brasil começava a se estabelecer e em que o mercado de arte era incipiente, a vivência dos artistas em seus ateliês certamente diferia muito do ritmo empreendedor do artista contemporâneo. Isso vale mesmo no caso de uma artista como Maria Leontina, que participou de várias edições da Bienal de São Paulo (I, III, IV, V, VI, VII, IX), da XXVI edição da Bienal de Veneza, do Panorama do MAM (I e II edições), da exposição *Projeto construtivo brasileiro na arte*, apenas para citar algumas das dezenas de mostras individuais e coletivas a partir das quais a fortuna crítica em torno de sua obra se constituiu, com textos dos grandes nomes da crítica de arte brasileira, como Sérgio Milliet, Lourival Gomes Machado, Mario Pedrosa, Frederico de Moraes, Ferreira Gullar, Lélia Coelho Frota, Ferreira Gullar, entre outros.

E aqui, nessa breve listagem de episódios marcantes da carreira de Leontina, percebemos o quanto é ilusório tentar reconstruir uma história a partir de fragmentos isolados de uma vida. O tempo não é feito de instantes separados encadeados em uma linha cronológica. O tempo é um desaguar, uma duração contínua de um instante ao outro, conforme articulado por Henri Bergson, filósofo citado explicitamente em textos de Hélio Oiticica e que certamente estava no repertório de Ferreira Gullar quando o manifesto neoconcreto menciona o fluir do tempo na poesia: “Não se trata, evidentemente, de voltar ao conceito de tempo da poesia discursiva, porque enquanto

^[1] VENÂNCIO FILHO, Paulo. Maria Leontina: pintura sussurro. São Paulo: Arauco Editora, 2008, p. 23.

^[2] HERKENHOFF, op. cit., p. 112.

^[3] HERKENHOFF, Paulo; LÁZARO, Wilson (Org.) Maria Leontina. Rio de Janeiro: Papel &Tinta, 2010, p. 42.

nesta a linguagem flui em sucessão, na poesia neoconcreta a linguagem se abre em duração.”⁴

Para Henri Bergson, “durar” é atravessar mudanças de estados contínuos. Tudo que tem existência psicológica tem duração, isto é, transforma-se continuamente, num escoamento sem fim que em nada se assemelha a uma justaposição de estados fixos, a forma preferida com que nosso intelecto tenta compreender o movimento de mudança. A duração é um fluir, um estado desembocando no outro. O entendimento tem dificuldade em lidar com a continuidade que constrói a mudança, mas Bergson ressalta que o ser humano é dotado não só de intelecto mas também de intuição, capacidade que temos para compreender que a duração é o “próprio tecido de que a realidade é feita”⁵. Aqui certamente a teoria sobre o tempo de Bergson afasta-se da filosofia de Agostinho, para quem o tempo é uma das criações divinas, e assim não pode englobar toda a realidade, pois existe ao lado de outras criações divinas. Em Bergson, a duração é a “elaboração contínua do absolutamente novo”⁶, ideia inconcebível para o teólogo do século IV, para quem toda criação vem de Deus.

Ao pensarmos sobre o tempo como “o tecido de que a realidade é feita” podemos visualizar um véu contentor de todas as possibilidades da realidade, um “todo” contentor de todos os possíveis tempos individualmente vivenciados. A ideia do relacionamento entre o todo e partes que são simultaneamente autônomas e também constituidoras do todo é a estrutura básica das composições da série *Os jogos e os enigmas*. Como um tecido de partes intrincadas, ligadas e autônomas, essas pinturas são feitas de blocos de simultaneidades. No lugar da linha do tempo, da sucessão linear, há um “plano do tempo”, com acontecimentos geométricos encadeados tanto no eixo da altura quanto no eixo da largura da tela.

Percebe-se um fundo separado na composição, como uma base neutra por cima da qual desfila uma miríade de combinações de retângulos, triângulos e mais raramente círculos. Nas composições de 1954 da série *Os jogos e os enigmas* ainda é possível identificar figuras humanas atravessadas por esse véu de acontecimentos geométricos, como se fossem seres transparentes passando por possibilidades de autoconstituição.

Na série *Da paisagem e do tempo* não há mais tal sugestão figurativa, e a composição organiza-se ao redor de uma linha horizontal que de tempos em tempos fragmenta-se sem afetar a continuidade do fluxo de formas. É como se as composições dessa série fossem extratos horizontais, faixas isoladas daquele todo de *Os jogos e os enigmas*, ou seja, uma das possíveis combinações de partes do todo.

Às vezes as composições dessas séries apresentam um caráter de máquina e lúdico, principalmente quando as formas circulares predominam. O tempo então é reforçado pela sensação de movimento iminente, de roldanas que giram e acionam um aparato. Assim funcionam as telas da série *Narrativas*, propulsionando com formas circulares as passagens de um retângulo a outro.

É interessante notar que em seu *A evolução criadora*, Henri Bergson dedica um capítulo ao “mecanismo cinematográfico do pensamento e a ilusão mecanicista.” O cinematógrafo cria uma ilusão de movimento ao justapor imagens estáticas rapidamente. Nós compreendemos o tempo mais facilmente justapondo instantes, como uma justaposição de cenas isoladas. “Percepção, intelecção, linguagem geralmente procedem assim. Quer se trate de pensar o devir, quer de exprimi-lo, quer mesmo de percebê-lo, não fazemos realmente nada além de acionar uma espécie de cinematógrafo interior.”⁷ De forma paradoxal, pensamos a duração, que é movente, por meio de imagens imóveis.

A série *Episódios* verticaliza a sucessão de acontecimentos geométricos, como numa película de filme, com quadros isolados sucedendo-se num empilhamento dinâmico que não ameaça desmoronar, e sim passar, de cima para baixo ou vice-versa. Em algumas obras dessa série há apenas um bloco vertical com seus acontecimentos interiores. Em outras pinturas também intituladas *Episódios*, as faixas verticais sucedem-se lado a lado. Ainda assim, diferem da série *Das paisagens e do tempo* por evidenciarem as seções verticais mais do que a linha central horizontal.

As *Cenas* isolam ainda mais uma parte do tecido complexo de *Os jogos e os enigmas*. Flutuam em um vazio, maquinam suas roldanas e nos remetem ao capítulo da arte cinética no construtivismo latino-americano, com Abraham

Palatnik, os venezuelanos Carlos Cruz-Díez e Jesús Rafael Soto e o argentino Julio Le Parc. No entanto, Leontina não está interessada em um cinetismo que afete o corpo e sim num certo “movimento da alma”, na mobilização do intelecto em direção ao pensamento metafísico.

Se a arte concreta tem como pressuposto o uso dos elementos básicos da pintura, como linha e cor, a arte de Leontina tem como pressuposto os elementos básicos da vida: espaço e tempo. A mobilidade então se insinua nessas composições mais vinculadas à espiritualidade do que ao corpo.

Na década de 1960 a série *Formas* remete mais à teoria das formas em Platão do que à forma construtivista. Elas pulsam como essências puras das coisas do mundo. O pastel impede arestas precisas, confere suavidade, sugere uma textura macia, uma flutuação de nuvens de cor, que a seguir esvoaçam como panos nos *Estandartes*, misturas de bandeira e sudário.

O cinetismo espiritual proposto por Leontina nos *Estandartes* remete ao trabalho da artista como orientadora na seção de artes plásticas do Hospital Psiquiátrico de Franco da Rocha, o Juqueri, em 1950, que resultou em uma exposição de trabalhos dos internos no Museu de Arte Moderna de São Paulo, no ano seguinte. A busca da inovação da forma a partir do contato com outras lógicas — do louco, da criança, ou da episteme não eurocêntrica — é um capítulo importante na história da arte moderna, de Pablo Picasso a Jean Dubuffet, incluindo no Brasil artistas como Almir Mavignier, Lygia Clark e Maria Leontina, além das pesquisas de Nise da Silveira e Lula Wanderley. Como já apontado por Paulo Herkenhoff e Paulo Venâncio Filho, é possível fazer uma leitura dos estandartes de Leontina em paralelo com produções de Arthur Bispo do Rosário a partir da ideia de vestes para aceder a outras dimensões. A espiritualidade e a lógica alternativa ao funcionamento psíquico padrão do tempo da hiperprodutividade são mutuamente reveladoras. Nesses dois enigmas estão temas como a passagem, as dimensões, as temporalidades, a iluminação, a ascese.

Os estandartes referem-se a panos mas também sugerem membranas e portais. Em alguns, o centro circular é luminoso, mais profundo na ilusão espacial da tela. Vitrais

do final dos anos 1960 corroboram a importância da luz e da passagem, explícitas na série *Umbrais/Altares*.

Estariam as *Orantes* da volta à figuração dos anos 1960 compondo os pensamentos para as *Páginas em branco*? São um retorno das Sant’Anas dos anos 1950 ensinando a próxima geração a ler o mundo? Uma das orantes de 1966 olha para uma flor com extrema atenção. O tempo corre e o olhar segue fixo, buscando a explicação do enigma.

Afinal, qual a diferença entre conhecimento e espiritualidade?

^[1] GULLAR, Ferreira. Manifesto neoconcreto, 1959.

^[2] BERGSON, Henri. A evolução criada- ra. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 295.

^[3] Idem, p. 12.

^[4] Idem, p. 331.

Linha do tempo

Silvia Cajado

Maria Leontina Cronologia

1917

A 22 de julho, na rua Galvão Bueno, em São Paulo, nasce Maria Leontina Franco. É filha de Arthur da Silveira Franco, engenheiro ferroviário fluminense, e de Ismeria Mendes de Almeida Franco (D. Iaiá). O casal teve duas filhas, Maria Eugênia, mais tarde crítica de arte, e Maria Leontina. O pai da artista interessa-va-se por música, dedicando-se ao estudo da clarineta. D. Iaiá, filha do professor paulista João Mendes Jr., quando solteira gostava de pintura e foi discípula de Almeida Júnior.

Maria Leontina teve também dois irmãos, filhos do primeiro casamento de seu pai, já que o engenheiro Arthur era viúvo quando se casou com D. Iaiá. São eles Edson e Cid Franco, esse último, mais tarde, poeta e deputado estadual na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. É nessa família, junto a intelectuais, artistas e poetas, que cresce Maria Leontina.

A artista passa sua infância em alguns colégios de freiras em São Paulo. Estuda piano, mas não pode se dedicar por mais de um ou dois anos, devido a algumas dificuldades financeiras enfrentadas pela família na ocasião, e às frequentes viagens decorrentes do trabalho de seu pai. No entanto, a música vai permanecer para sempre muito fortemente em sua vida. Em depoimento posterior, ao lhe perguntarem sobre uma possível relação entre a música e a pintura, a artista responde:

“[...] o som é muito parecido com a cor... Assim quando estou pintando e ouvindo música ao mesmo tempo, creio que alguma coisa do som e do ritmo é transmitido à tela. Há uma participação íntima por qualquer processo não explicado ainda” (“Tribuna das Letras”, suplemento da *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 16-17 ago. 1952).

1927

Na adolescência estuda em colégios de Belo Horizonte e do Rio de Janeiro. É em um colégio em Belo Horizonte que Maria Leontina tem suas primeiras aulas de desenho ao lado de sua irmã Maria Eugênia, ministradas por uma freira do estabelecimento.

Fatos artísticos e históricos paralelos

1914-1918

Exposição de caricaturas de Di Cavalcanti na redação de A Cigarra, em São Paulo (1917).

Exposição de Anita Malfatti em São Paulo (1917).

Monteiro Lobato publica o artigo “Paranoia ou mistificação”, em O Estado de S.Paulo.

Wenceslau Brás é presidente da República do Brasil entre 1914 e 1918.

1918-1922

Delfim Moreira é presidente do Brasil (1918-1919) e Epitácio Pessoa governa o país entre 1919 e 1922.

1922

Semana da Arte Moderna em São Paulo, no Teatro Municipal, de 11 a 18 de fevereiro (1922).

Mário de Andrade publica Paulicéia desvairada (1922).

Em maio, surge a revista Klaxon, mensário de Arte Moderna (1922).

Primeira exposição de Candido Portinari no Salão Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro (1922).

Arthur Bernardes é presidente da República do Brasil entre 1922 e 1926.

1931

Maria Leontina ingressa no Instituto Lafayette do Rio de Janeiro. Entre as várias disciplinas do curso, frequenta aulas de desenho artístico e escultura, sob a orientação do professor Montenegro Cordeiro. Na ocasião, chega a receber um prêmio de escultura, com uma máscara de Danton. A artista registra a importância dessa fase em depoimento posterior:

“A pintura aconteceu na minha vida como uma fatalidade. Foi uma força que se me impôs. Em criança, nunca pensei em ser nada quando crescesse, mas aos quatorze anos, ao fazer um curso anexo ao Instituto Lafayette de Escultura e Desenho, senti que a pintura se me impunha e que havia encontrado meu meio de expressão. Porém, só aos 20 anos comecei a pintar seriamente” (*Folha da Manhã*, São Paulo, 27 nov. 1959).

1936

A artista muda-se para São Paulo, acompanhando sua família. Na ocasião, seu pai trabalha na construção da estrada de ferro São Paulo-Goiás. Já aos dezenove anos começa a trabalhar como funcionária na Secretaria da Justiça, onde permanece por vários anos.

1938

Inicia estudos de desenho com Antonio Covello e continua desenhando, mas esconde seus trabalhos nas gavetas. Segundo a artista:

“teriam ficado lá se eu não tivesse uma irmã chamada Maria Eugênia. Mesmo sem estar presente, ela via os meus gestos e pressentia os meus pensamentos. Foi-lhe fácil descobrir os meus desenhos. Um dia trouxe-me um professor, como uma surpresa. Sempre me foi muito útil o espírito crítico de minha irmã” (“Tribuna das Letras”, suplemento da *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 16-17 ago. 1952).

1940

Visita, ao lado de sua irmã Maria Eugênia Franco, de Ciro Mendes e de Antônio Olavo Pereira, o ateliê de vários pintores de vanguarda.

1931-1935

Criação do Núcleo Bernardelli, no Rio de Janeiro, com a participação de José Pancetti, Bustamante Sá, Milton Dacosta, entre outros (1931).

Exposição de Di Cavalcanti em A Gazeta, em São Paulo (1932).

Fundação da Sociedade Pró-Arte Moderna (SPAM) e do Clube dos Artistas Modernos (CAM), em São Paulo (1932).

Revolução Constitucionalista em São Paulo (9 jul. 1932).

Primeira exposição de Arte Moderna da SPAM, com obras de André Lhote, Pablo Picasso, Giorgio de Chirico, Raoul Dufy (1933).

Primeira exposição de pintura de Flávio de Carvalho em São Paulo (1934).

Exposição de Candido Portinari na Galeria Ita, em São Paulo (1934).

Criação do Salão Paulista de Belas Artes (1934).

Fundação da Universidade de São Paulo (1934).

Fundação da Universidade do Distrito Federal no Rio de Janeiro (1935).

1936-1937

Primeira exposição de individual de Milton Dacosta na Galeria Santo Antônio, no Rio de Janeiro (1936) .

I Salão de Maio em São Paulo (1937).

I Exposição da Família Artística Paulista, com a participação do Grupo Santa Helena, além de Waldemar da Costa, Anita Malfatti, entre outros (1937).

1938

II Salão de Maio, em São Paulo, com a participação de Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral, Lasar Segall, Cícero Dias, Victor Brecheret, Antonio Gomide, Alfredo Volpi, Yolanda Mohaly, Oswaldo Goeldi, Alberto da Veiga Guignard, Franciso Rebolo, entre outros.

V Salão Paulista de Belas Artes.

1940-1941

Exposição de pintura francesa em São Paulo, na Galeria Prestes Maia.

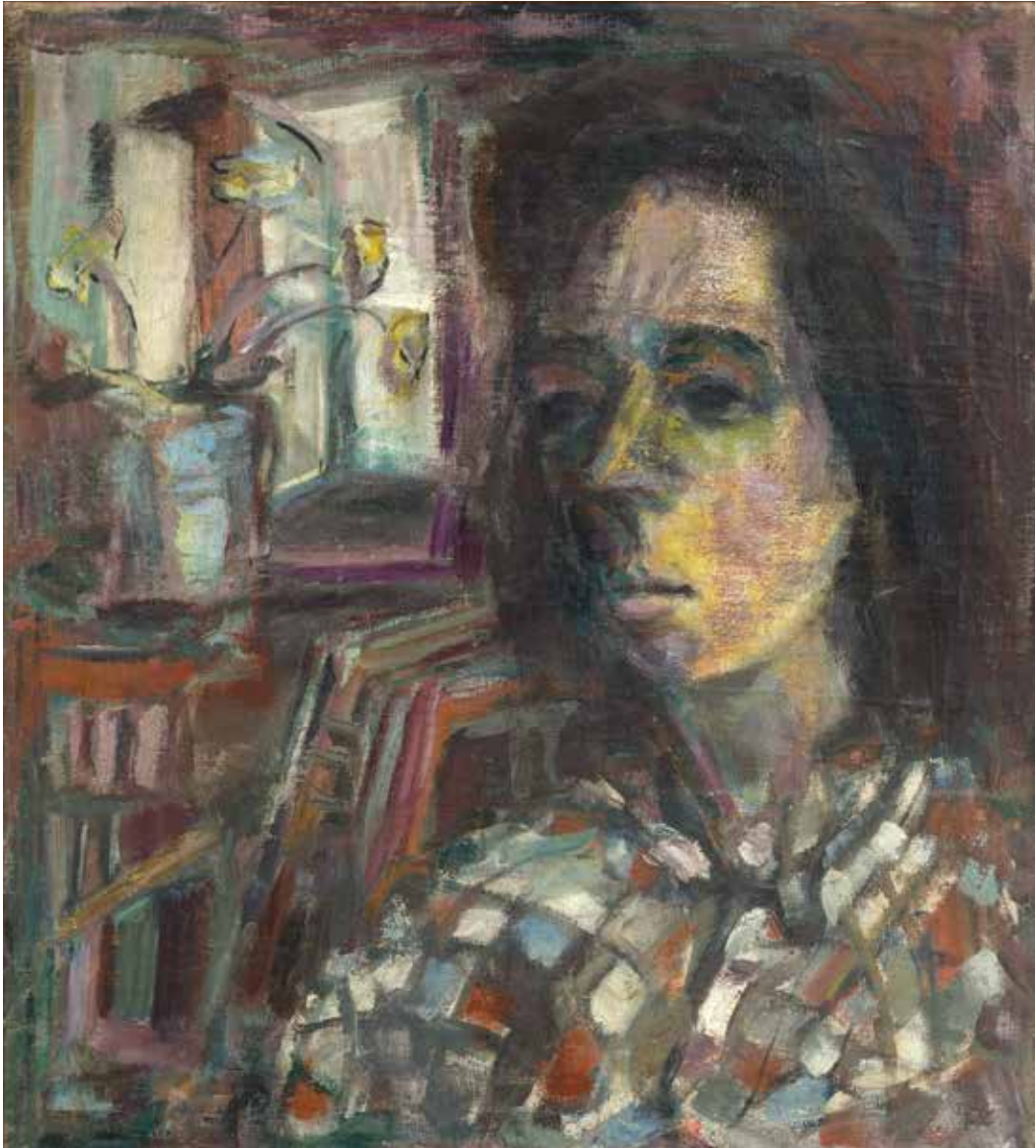
No Rio de Janeiro, o Salão Nacional de Belas Artes abre uma Divisão de Arte Moderna.

Chega ao Brasil a artista Maria Helena Vieira da Silva, instalando-se no Rio de Janeiro, onde permanece até 1947.

Instituição do salário-mínimo no país.

O arquiteto Jacob Ruchti publica Construtivismo (1941).

Início da revista Clima em São Paulo (1941).



Autorretrato, déc. 40 Óleo sobre tela 53,4 × 48 cm

1942

Conhece Waldemar da Costa e logo o escolhe como professor. Inicia, então, estudos de pintura no ateliê do artista, a quem muito admira e considera além de mestre, um amigo, e frequenta-o por quatro anos. Na ocasião, estabelece contatos com artistas como Clóvis Graciano, Lothar Charoux, Hermelindo Fiaminghi, trabalhando ao lado deles no ateliê do artista. Nessa época, conhece os artistas Alfredo Volpi, Francisco Rebolo e Bruno Giorgi.

1943

Começa a expor nos salões, como o Salão Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro. No fim do ano, envia seus trabalhos para o VIII Salão do Sindicato dos Artistas Plásticos de São Paulo, que vai ter lugar em janeiro do ano seguinte.

1944

Participa do VIII Salão do Sindicato dos Artistas Plásticos de São Paulo, em janeiro, no qual recebe o Prêmio Mário de Andrade, da Prefeitura Municipal. Alguns críticos começam a notar o seu trabalho. Ao escrever sobre o Salão, o crítico Sérgio Milliet cita a presença da artista e comenta: "Maria Leontina traz-nos uma sensibilidade nova de verdade".

A artista participa da caravana de críticos e artistas pelas cidades históricas mineiras, a convite de Juscelino Kubitschek, então prefeito de Belo Horizonte. Integram a excursão, entre outros, Hilde Weber, Maria Eugênia Franco, Francisco Rebolo, Alfredo Volpi, Nelson Nóbrega, Anita Malfatti, Clóvis Graciano.

1945

Participa do Salão de Arte Moderna de São Paulo, no qual recebe o Prêmio de Honra, da Prefeitura Municipal. É premiada com o Prêmio de Honra, da Prefeitura Municipal.

Participa do Salão de Arte Moderna de São Paulo, no qual recebe o Prêmio de Honra, da Prefeitura Municipal.

Participa do Salão de Arte Moderna de São Paulo, no qual recebe o Prêmio de Honra, da Prefeitura Municipal.

1946

Sempre pintando, a artista usa a garagem de sua casa na rua Groenlândia, em São Paulo, como ateliê. Na ocasião, faz retratos de Aldo Bonadei, Marcelo Grassmann, Paulo Vanzolini, entre outros. Ao conseguir uma bolsa de estudos do Governo de São Paulo, muda-se para o Rio de Janeiro, iniciando o curso de Museologia, no Museu Histórico Nacional. Frequenta o curso por três anos, interessando-se, principalmente, por História da Arte e Arqueologia. Recebe, através de sua irmã Maria Eugênia, então na Europa, como correspondente de arte do jornal *O Estado de S.Paulo*, catálogos e livros das mais recentes exposições e tendências na arte europeia. Faz escultura no atelier de Bruno Giorgi.

Em agosto, integra a mostra *6 Novos em São Paulo*, no Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB), no Rio de Janeiro, ao lado de Lothar Charoux, Enrico Camerini, Virginia Artigas e Battioni.

Em setembro, participa da coletiva de pintores brasileiros no Chile. O crítico e pintor Sergio Montecimo, do jornal *La Hora*, refere-se à artista comentando: "Leontina Franco deja translucir envidiables dotes, haciendo-nos sentir la sensualidad de la Pintura".

O pai da artista falece no fim do ano.

1942

Palestras de Mário de Andrade sobre o movimento modernista, no Rio e em São Paulo.

Exposição de Vieira da Silva no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro.

O Brasil declara guerra ao Eixo.

1943

Exposição antieixista, no Palácio do Itamaraty, no Rio de Janeiro, e na Galeria Prestes Maia, em São Paulo.

1944-1945

Exposição de Lasar Segall no Rio de Janeiro, no Museu Nacional de Belas Artes.
Em Belo Horizonte, exposição de pintura moderna.

Na ocasião, conferências e debates com a participação de Lourival Gomes Machado, Oswald de Andrade, Mário Schenberg, Sérgio Milliet, Luiz Martins e outros.
Exposição individual de Milton Dacosta no Instituto dos Arquitetos do Brasil, no Rio de Janeiro.

Salão Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro. Milton Dacosta recebe o prêmio de viagem ao estrangeiro e parte para os Estados Unidos.

Morte de Mário de Andrade (1945).

Exposição Os 4 novos em São Paulo, no Rio de Janeiro, com a participação de Marcelo Grassmann, Octávio Araújo, Luiz Sacilotto e Luiz Andreatini (1945).

A Galeria Askanazy organiza a expo de arte condenada pelo III Reich, com obras de Baumeister, Segall, Kandinsky, Klee, etc., no Rio de Janeiro (1945).

Exposição de pintura francesa na Galeria Prestes Maia, em São Paulo, e no Ministério da Educação e Cultura, no Rio de Janeiro, com a presença de abstracionistas informais.

Fim do Estado Novo. Getúlio Vargas abandona o poder passando-o ao Judiciário (1945).

1946

Em São Paulo, abertura da Galeria Domus.

Início das articulações para a fundação do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Exposição Pintores independentes de Paris, na Galeria Prestes Maia, em São Paulo, com a participação de Samson Flexor.

Exposição 6 novos em São Paulo, no Rio de Janeiro.

Exposição de Franz Weissmann na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro.

Waldemar Cordeiro transfere-se para o Brasil.

1947

Integra a mostra *19 Pintores*, na Galeria Prestes Maia em São Paulo, apresentando cerca de 16 obras. A exposição, organizada por Rosa Rosenthal Zuccolotto, é patrocinada pela União Cultural Brasil Estados Unidos. Geraldo Ferraz apresenta o catálogo e Maria Leontina recebe o Prêmio Jeremias Lunardelli, o segundo prêmio de pintura.

Os críticos Quirino da Silva, Geraldo Ferraz, Sérgio Milliet, Lourival Gomes Machado, Luiz Washington, entre outros, escrevem sobre a mostra nos jornais de São Paulo e, no mesmo ano, ela recebe a Medalha de Bronze no Salão Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro.

1948

Participa da Mostra Coletiva de Pintura e Escultura na Galeria Domus, em São Paulo, no mês de julho. Já em outubro, vem a falecer D. Iaiá, mãe da artista. Maria Leontina volta a São Paulo e instala-se na residência da família, na rua Groenlândia, ao lado da irmã Maria Eugênia.

1949

Participa do Salão de Arte Moderna de São Paulo, no qual recebe o Prêmio de Honra, da Prefeitura Municipal.

Inicia a fase das Sant'Anas, inspirada em imagens barrocas brasileiras. E nesse mesmo ano, casa-se com o pintor Milton Dacosta no mês de junho.

1950

Primeira exposição individual da artista na Galeria Domus, em São Paulo, no mês de março, cuja apresentação é de Sérgio Milliet. Logo em seguida, em abril, expõe individualmente no Instituto dos Arquitetos do Brasil, no Rio de Janeiro. Antonio Bento escreve sobre a mostra em "Maria Leontina" (*Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 26 maio 1950).

Recebe a Medalha de Prata no Salão Nacional de Arte Moderna, no Rio de Janeiro. Inicia a fase de naturezas-mortas, com a qual vai se apresentar na I Bienal de São Paulo, no ano seguinte. Por indicação do crítico Osório César, Maria Leontina torna-se a responsável pela orientação da Seção de Artes Plásticas do Hospital Psiquiátrico de Franco da Rocha, fundada pelo Dr. Mário Yahn.

1947

Exposição de 250 trabalhos, intitulada 19 pintores, na Galeria Prestes Maia, em São Paulo, da qual participam Aldemir Martins, Antonio Augusto Marx, Cláudio Abramo, Enrico Camerini, Eva Lieblich, Flávio Shiró, Huguette Israel, Jorge Mori, Lothar Charoux, Luiz Andreatini, Luiz Sacilotto, Marcelo Grassmann, Maria Helena Milliet Fonseca Rodrigues, Maria Leontina, Mário Gruber, Odetto Guersoni, Otávio Araújo, Raul Müller Pereira da Costa e Wanda Godoi Moreira.

Mário Gruber recebe o primeiro prêmio em pintura, seguido de Maria Leontina, Aldemir Martins e Flávio Shiró. Cláudio Abramo recebe o prêmio de desenho. O júri é formado por Di Cavalcanti, Lasar Segall e Anita Malfatti. Na ocasião são proferidas palestras sobre arte moderna por Luiz Martins, Sérgio Milliet e Lourival Gomes Machado.

Fundação do Museu de Arte de São Paulo, na rua Sete de abril.

Eurico Gaspar Dutra, presidente da República do Brasil entre 1946 e 1951.

1948

Léon Dégand chega a São Paulo para dirigir o Museu de Arte Moderna, quando ocorre também um coquetel de inauguração do MAM-SP, antes de sua abertura oficial (que se realiza no ano seguinte) com apresentação de algumas telas de sua coleção.

Exposição retrospectiva de Di Cavalcanti no IAB-SP. Conferência de Di Cavalcanti no MAM-SP, sob o título Os mitos do modernismo.

Exposição de Candido Portinari no Museu de Arte de São Paulo.

Fundação do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Em Veneza, realiza-se a XXIV Bienal. Georges Braque e Giorgio Morandi são premiados em pintura. Já Henry Moore e Giacomo Manzù recebem prêmios de escultura.

1949

Abertura oficial do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP) com a mostra Do figurativismo ao abstracionismo, à rua Sete de abril e mesa redonda, com a presença de Luiz Martins, Lourival Gomes Machado, Léon Dégand, entre outros, sobre o tema "é a favor ou contra o abstracionismo?".

Exposição História das ideias abstratas, no Museu de Arte de São Paulo.

Criação do Art-Club, por Waldemar Cordeiro.

Exposição de Cícero Dias no MAM-SP.

1950

Exposição de Max Bill no Museu de Arte de São Paulo. Criação das revistas Habitat e Anhembi, em São Paulo. Palestras de Jorge Romero Brest, em São Paulo, sob o título Balanços de meio século de pintura.

XXV Bienal de Veneza, que conta com a participação brasileira de Cícero Dias, Di Cavalcanti, Flávio de Carvalho, José Pancetti, Candido Portinari, Alfredo Volpi, Milton Dacosta, Burtle Marx, além de Bruno Giorgi e Victor Brecheret com esculturas e Livio Abramo e Oswaldo Goeldi com gravuras. Os prêmios de pintura vão para Henri Matisse e Carlo Carrà. Marcello Mascherini e Ossip Zadkine recebem os prêmios de escultura nessa Bienal.

Getúlio Vargas é eleito presidente e governa o país de 1951 a 1954.



Sem título, 1943
Óleo sobre madeira
33 × 46,1 cm



Natureza-morta
Guache sobre papel
11,5 x 16,5 cm



Natureza-morta, 1952
Óleo sobre tela
46 x 55 cm

Naturezas-mortas (1950-1951)*

Naturezas-mortas, tema amplo que irrompeu de maneira surreal, isto é, os objetos mais dentro de uma atmosfera e um espaço irreais.

Passando a dar mais nitidez às formas, começa a fase das "naturezas-mortas", com as quais se apresenta na I Bienal de São Paulo. Nessas telas, foge aos arranjos dos temas propostos, por várias tendências contemporâneas. Coloca os elementos naturais soltos, numa conotação suprarreal, dispostos em planos diversos, como à procura de uma terceira dimensão metafísica, uma liberdade no uso do espaço.

"Maria Leontina, essa artista maior", entrevista a Luiz Ernesto Kawall, *A Tribuna*, Santos, 1972.

* Os nomes das diversas fases da artista são denominações genéricas, simbólicas, dadas espontaneamente depois do ato criado, da série elaborada no sigilo de um determinado período plástico.

Estes nomes das fases são sugeridos numa fugaz tentativa de esclarecer o tema.
Maria Leontina

1951

A residência do casal Maria Leontina e Milton, na rua Groenlândia, em São Paulo, é frequentada por críticos, artistas e poetas. Nesse ano, recebe o primeiro prêmio na Exposição de Naturezas-Mortas do S.A.P.S., organizada por Murilo Miranda, no Rio de Janeiro. E também organiza a exposição dos trabalhos do Hospital Psiquiátrico Franco da Rocha, no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP).

Expõe no I Salão Paulista de Arte Moderna, onde recebe o prêmio de viagem pelo país. Na ocasião, viaja pelos estados do norte, em companhia do marido, Milton Dacosta. E participa da I Bienal de São Paulo, recebendo o Prêmio Aquisição "Moinho Santista", com a obra *Natureza Morta 1951*. Segundo Sérgio Milliet, em artigo publicado posteriormente, o crítico Jacques Lussaigne partiu inconformado para a Europa, por não ter sido dado à Maria Leontina o grande prêmio na I Bienal (*O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 29 out. 1960).

Jacques Lussaigne escreve sobre a Bienal e Maria Leontina em *Arts*. (Paris, 23 nov. 1951) e, no fim do ano, expõe individualmente na Galeria Domus, em São Paulo. Ela é convidada, ao lado de Marcelo Grassmann, Bruno Giorgi, entre outros, a expor no Salão de Maio, em Paris, a ser realizado no ano seguinte.

1952

Em depoimento, a artista comenta o seu grande interesse pela literatura e poesia. Cita Franz Kafka, Fiódor Dostoiévski, Fernando Pessoa e Riner Maria Rilke (*Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 16 ago. 1952). A esse respeito, mais tarde, a Wilson Coutinho, Maria Leontina deixa clara essa influência, dizendo: "Muitos de meus trabalhos nasceram de uma associação plástica com a poesia" (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 maio 1982).

Participa do Salão de Maio, em Paris, ao lado de Aldo Bonadei, Alfredo Volpi, Antonio Bandeira, Cássio M'Boy, Danilo Di Prete, Di Cavalcanti, Flávio de Carvalho, Lula Cardoso Ayres, Marcelo Grassmann, Milton Dacosta, Cícero Dias, Almir Mavignier, Luci City Ferreira. Expõe duas de suas naturezas-mortas.

Integra a seleção que vai representar o Brasil na XXVI Bienal de Veneza, apresentando duas obras, *Composição* e *Natureza Morta*, ambas de 1951. Além de Maria Leontina, participam dessa Bienal vários artistas brasileiros, entre eles os premiados na I Bienal de São Paulo. Ela recebe bolsa de estudos do governo francês e parte em setembro para a Europa em companhia de Milton Dacosta, onde permanece por um ano e quatro meses. Frequenta em Paris o ateliê de gravura de Lee Friedlander.

Visita vários países e frequenta museus e galerias de arte, alén de participar da Exposição de Arte Gráfica Brasileira em Lugano e do IX Prêmio de Lissone, em Milão, ao lado de Antonio Bandeira, Waldemar Cordeiro, Lygia Clark, Di Cavalcanti, Milton Dacosta e outros.

1954

Retorna a São Paulo no início do ano, inicia a série *Os jogos e os enigmas* e recebe a grande Medalha de Ouro no III Salão Paulista de Arte Moderna.

1951

I Salão Paulista de Arte Moderna, na Galeria Prestes Maia, em São Paulo. Milton Dacosta recebe o primeiro prêmio de pintura no Salão. Inauguração da I Bienal de São Paulo, sob a orientação de Francisco Matarazzo Sobrinho. Participam do júri, presidido por Lourival Gomes Machado, os críticos Romero Brest, Wolfgang Pfeiffer, Sérgio Milliet, Santa Rosa e outros. Roger Chastel e Danilo Di Prete são premiados em pintura. Max Bill recebe o primeiro prêmio em escultura.

Início do Ateliê Abstração, criado por Samson Flexor, em São Paulo.

No Rio de Janeiro, é criado o Salão Nacional de Arte Moderna, a partir da Divisão Moderna do Salão Nacional de Belas Artes.

1952

Exposição do Grupo Ruptura no MAM-SP e lançamento do manifesto de autoria de Waldemar Cordeiro.

No Rio de Janeiro, a formação do Grupo Frente, com Ivan Serpa, Abraham Palatnik, Décio Vieira, Lygia Pape e Aluísio Carvão.

I Exposição Nacional de Arte Abstrata, em Teresópolis.

Inauguração do MAM-RJ com sede provisória no MEC.

Em Milão, o Prêmio Lissone. Renato Birilli e Serge Poliakoff recebem, respectivamente, o primeiro e segundo prêmios.

XXVI Bienal de Veneza, de junho a outubro desse ano. Além de Maria Leontina, representam o Brasil os artistas Antônio Bandeira, Aldo Bonadei, Milton Dacosta, Antônio José da Silva, Alberto da Veiga Guignard, Cícero Dias, Danilo Di Prete, Heitor dos Prazeres, Ivan Serpa, Cássio M'Boy, Ramiro Martins, Luiz Sacilotto, Tomás Santa Rosa, Alfredo Volpi, Anatol Wladyslaw, Bruno Giorgi, Mário Cravo Jr., Victor Brecheret, Caciporé Torres, Marcelo Grassmann, Lívio Abramo, Geraldo de Barros, Oswaldo Goeldi e Aldemir Martins. Os prêmios de pintura vão para Raul Dufy, Bruno Cassinari e Bruno Saetti e de escultura para Alexander Calder e Marino Marini.

Em Paris, a exposição Regards sur la peinture americaine, com obras de Jackson Pollock, Josef Albers, Robert Motherwell, Klein, entre outros.

Exposição Significants de l'informel, na Galeria Paul Facchetti, em Paris.

1954

Comemoração do IV Centenário da Cidade, em São Paulo.

III Salão Paulista de Arte Moderna. Maria Leontina recebe a Medalha de Ouro. Franz Weissmann é premiado em escultura e Waldemar Cordeiro recebe o Prêmio Aquisição.

I Exposição do Grupo Frente na Galeria Ibeu, no Rio de Janeiro.

XXVII Bienal de Veneza. Max Ernst, Joan Miró e Jean Arp são premiados, respectivamente, em pintura, gravura e escultura.

Suicídio de Getúlio Vargas e João Café Filho assume a presidência do Brasil.



Pintura abstrata fundo preto, 1954/1955
Óleo sobre tela
27 x 41 cm

Jogos e enigmas (1954)

Os jogos e os enigmas — Frases em que as cores e as formas eram colocadas no retângulo da tela sobre e sob uma linha horizontal que o dividia.

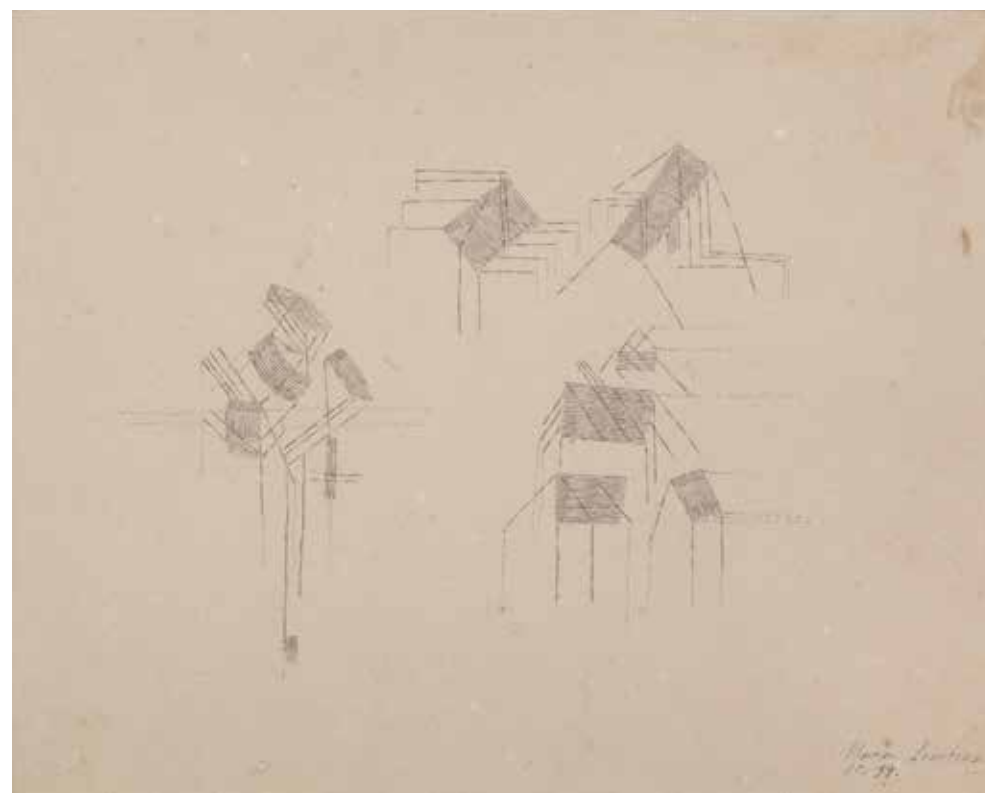
Voltando da Europa realiza uma série de desenhos estruturados, a lápis, geometrizando as formas abstratas ou figurativas, mas fragmentando o traço. Era o início da fase *Os jogos e os enigmas*, onde apresenta figuras e elementos organizados numa construção única.

A fragmentação do traço e das formas conduziu Leontina, numa sequência natural, à questão do traço que ela denominou Da paisagem e do tempo.

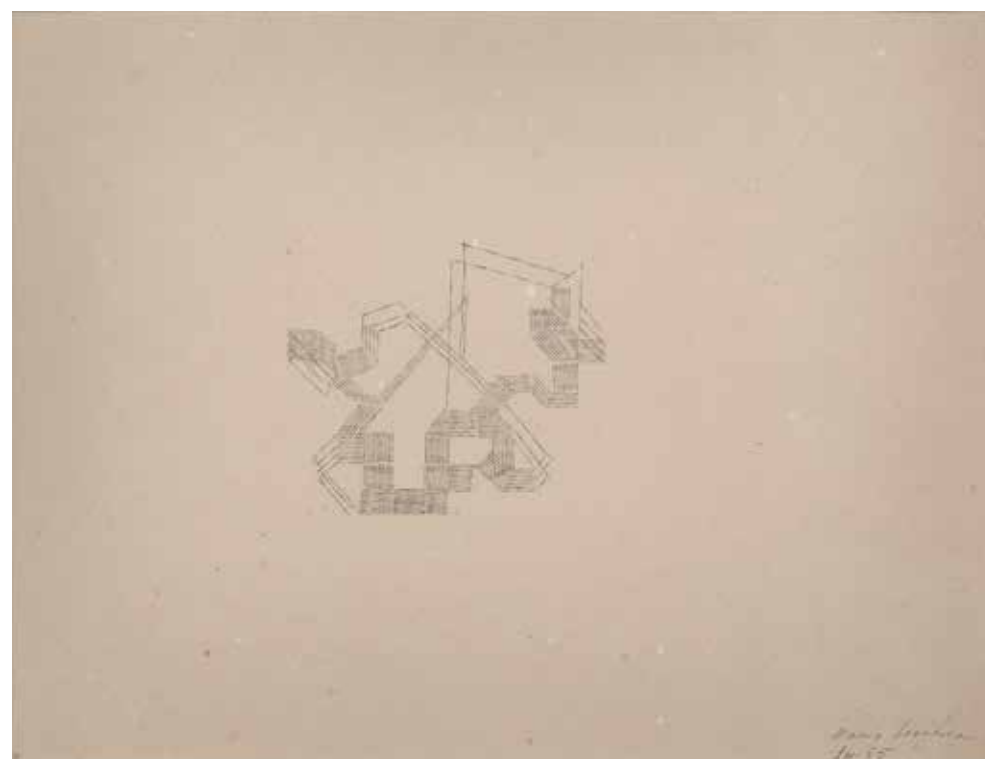
"Maria Leontina, essa artista maior", entrevista a Luiz Ernesto Kawall, *A Tribuna*, Santos, 1972.

[...] a gente adivinha na delicadeza desses quadros a mão translúcida e vacilante que arrisca — a vida? — o sonho, ao colocar um triângulo, um quadrado, num ponto de equilíbrio inesperado.

Ferreira Gullar, Suplemento literário, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1958.



Sem título, 1954
Lápis sobre papel
20 x 25 cm



Sem título, 1955
Lápis sobre papel
21 x 27 cm

1955

Expõe individualmente no Museu de Arte Moderna de São Paulo, no mês de abril, apresentando óleos, guaches e desenhos, com apresentação de Sérgio Milliet. Entre os presentes na *vernissage*, encontram-se Alfredo Volpi, Waldemar da Costa, Pola Rezende, Tereza D'Amico, Maria Eugênia Franco, Sérgio Milliet, Wolfgang Pfeiffer, Francisco Matarazzo Sobrinho, Aparício da Silva, Aldemir Martins, José Geraldo Vieira, Tarsila do Amaral, Rebolo Gonsales, entre outros. Os críticos Lourival Gomes Machado e Sérgio Milliet escrevem sobre a exposição da artista nos jornais de São Paulo.

Maria Leontina muda-se com Milton Dacosta para o Rio de Janeiro e expõe na Petite Galerie a série *Os jogos e os enigmas*.

Participa da III Bienal de São Paulo, onde recebe o Prêmio Aquisição para o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Recebe também o prêmio de viagem pelo país, no Salão Nacional de Arte Moderna.

1956

Inicia a fase *Da paisagem e do tempo*. Segundo a artista, *Paisagem interior*, é claro, e tempo atemporal.

1955

III Bienal de São Paulo, inaugurada em julho, com a presença de Cândido Motta Filho, ministro de Educação e Cultura. Fernand Léger recebe o prêmio de melhor pintor estrangeiro. Milton Dacosta recebe o prêmio de melhor pintor nacional. Lasar Segall e Candido Portinari são homenageados com salas especiais.

II Exposição do Grupo Frente no MAM-SP.

Juscelino Kubitschek é eleito presidente da República.

1956

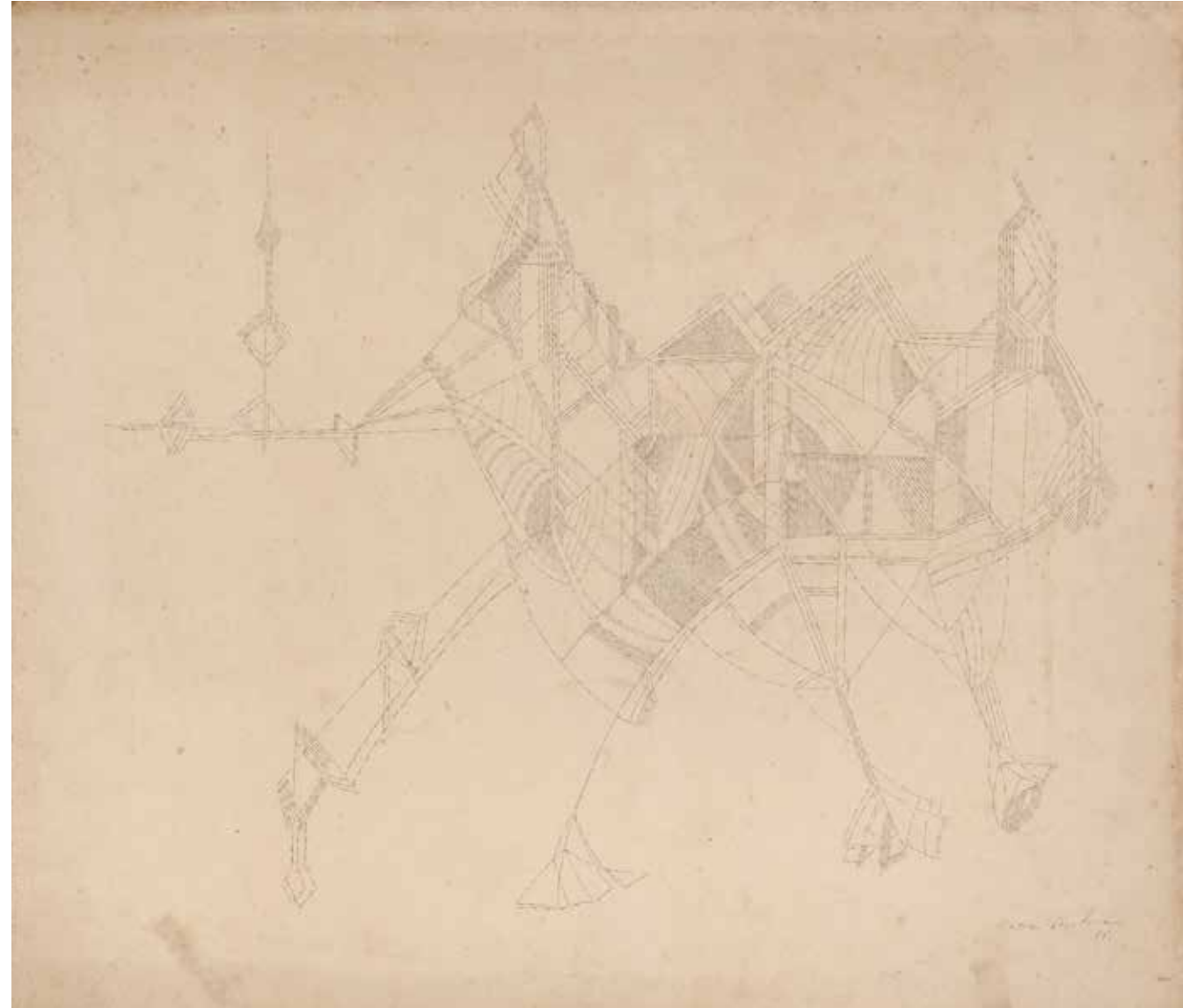
III Exposição do Grupo Frente, em Resende (RJ).

I Exposição Nacional de Arte Concreta no MAM-SP, organizada pelo Grupo Ruptura, com a participação do Grupo Frente.

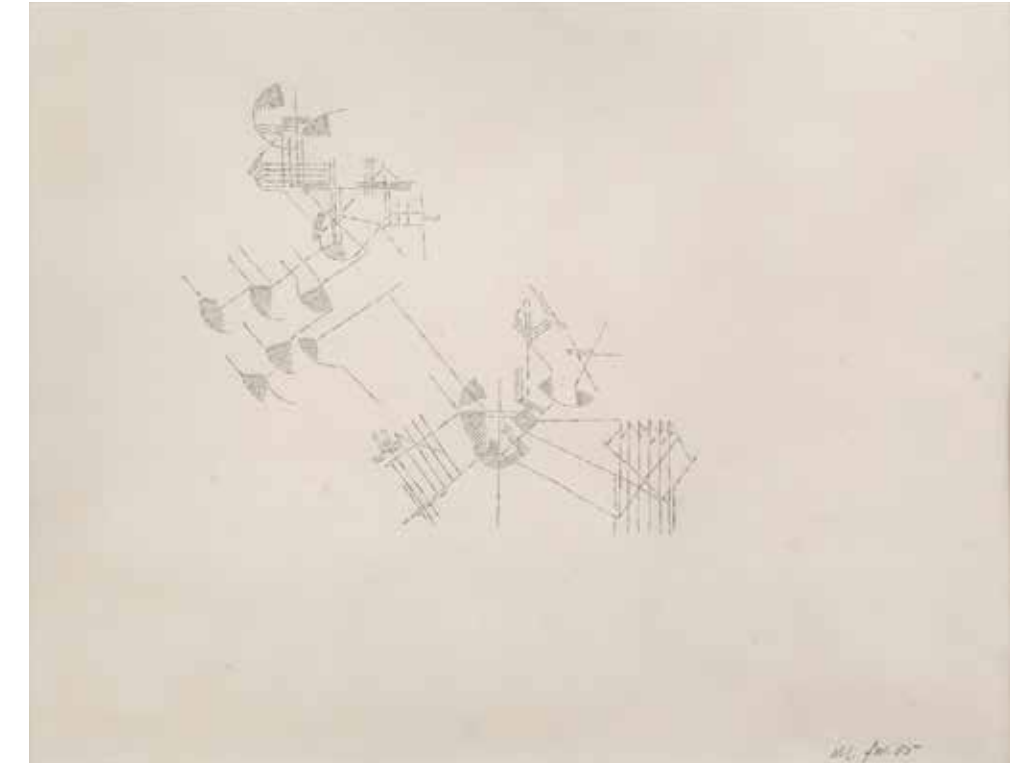
Início da construção de Brasília.



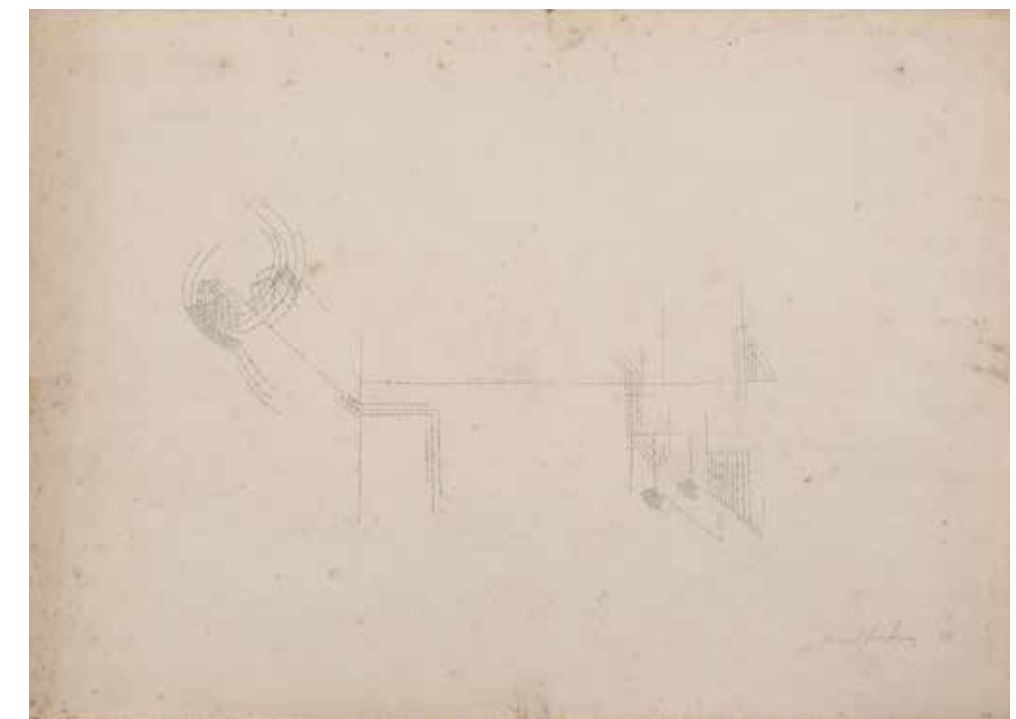
Sem título, 1956
Lápis sobre papel
48 x 66 cm



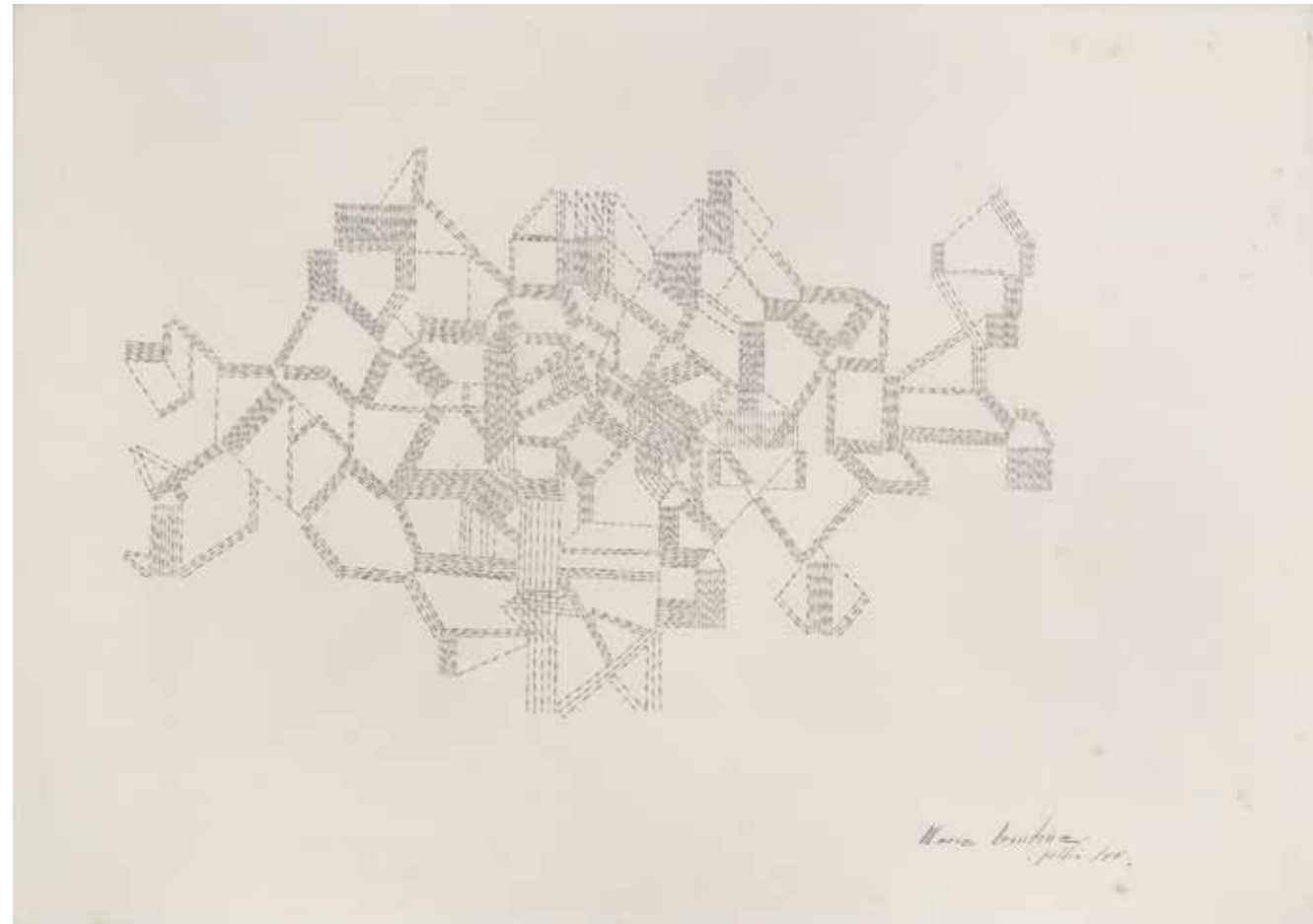
Sem título, 1955
Lápis sobre papel
31 x 48 cm



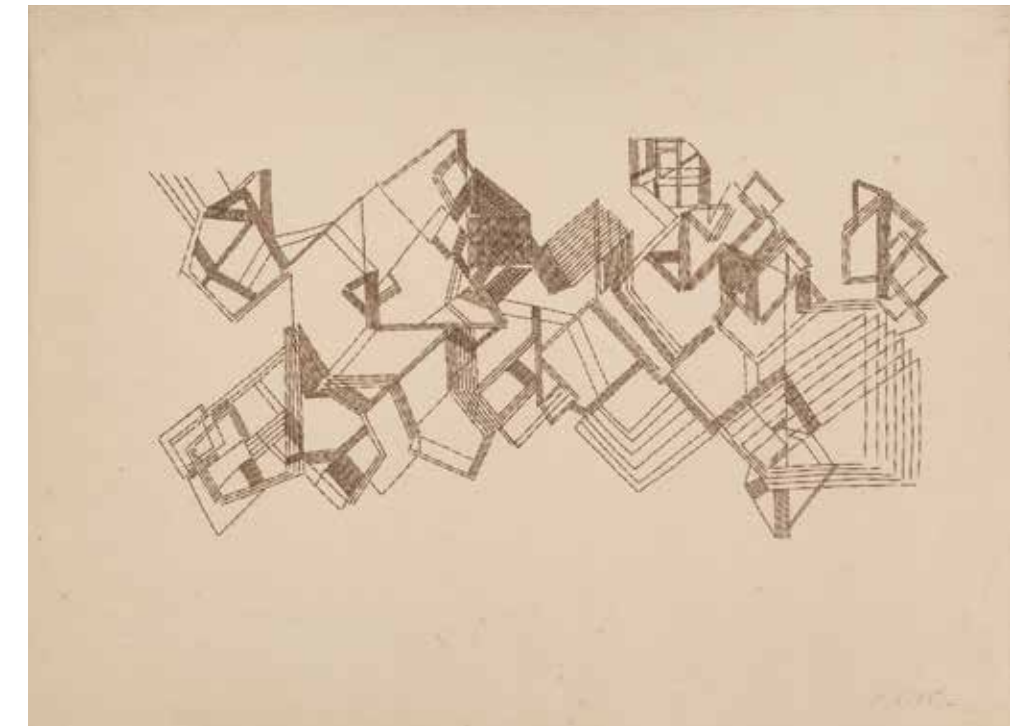
Sem título, 1955
Nanquim sobre papel
21 x 27 cm



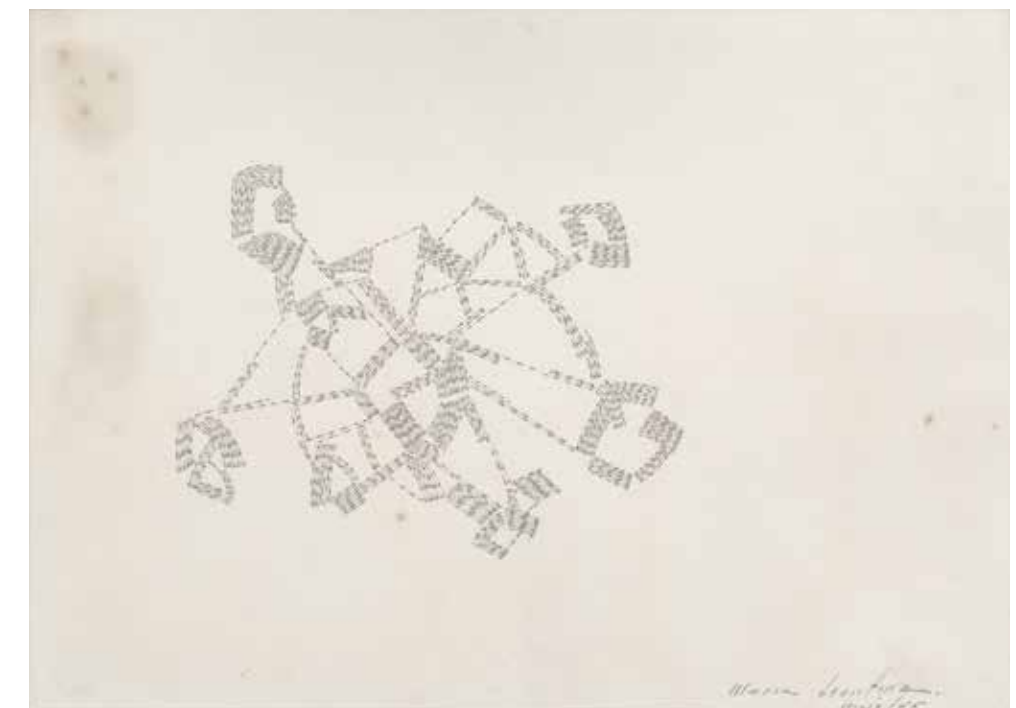
Sem título, 1954
Lápis sobre papel
29 x 39,5 cm



Sem título, 1955
Lápis sobre papel
31 x 48 cm



Sem título, 1955
Nanquim sobre papel
32 x 43 cm



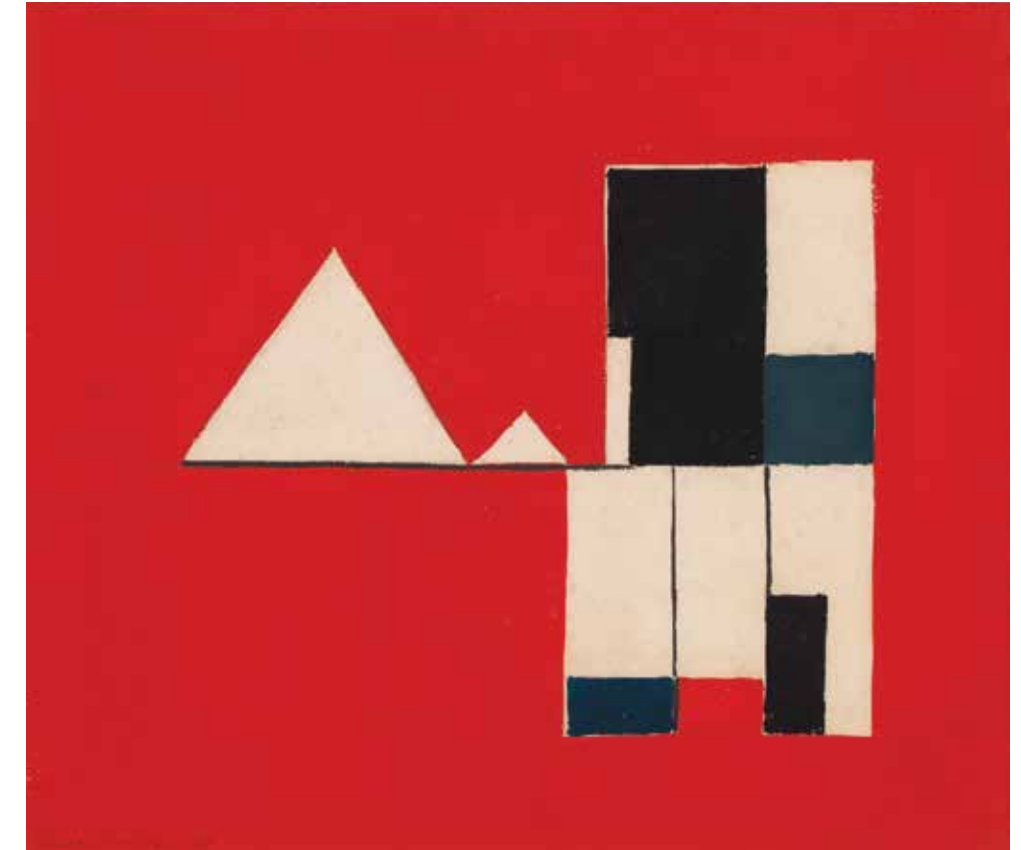
Sem título, 1955
Lápis sobre papel
17,5 x 25 cm



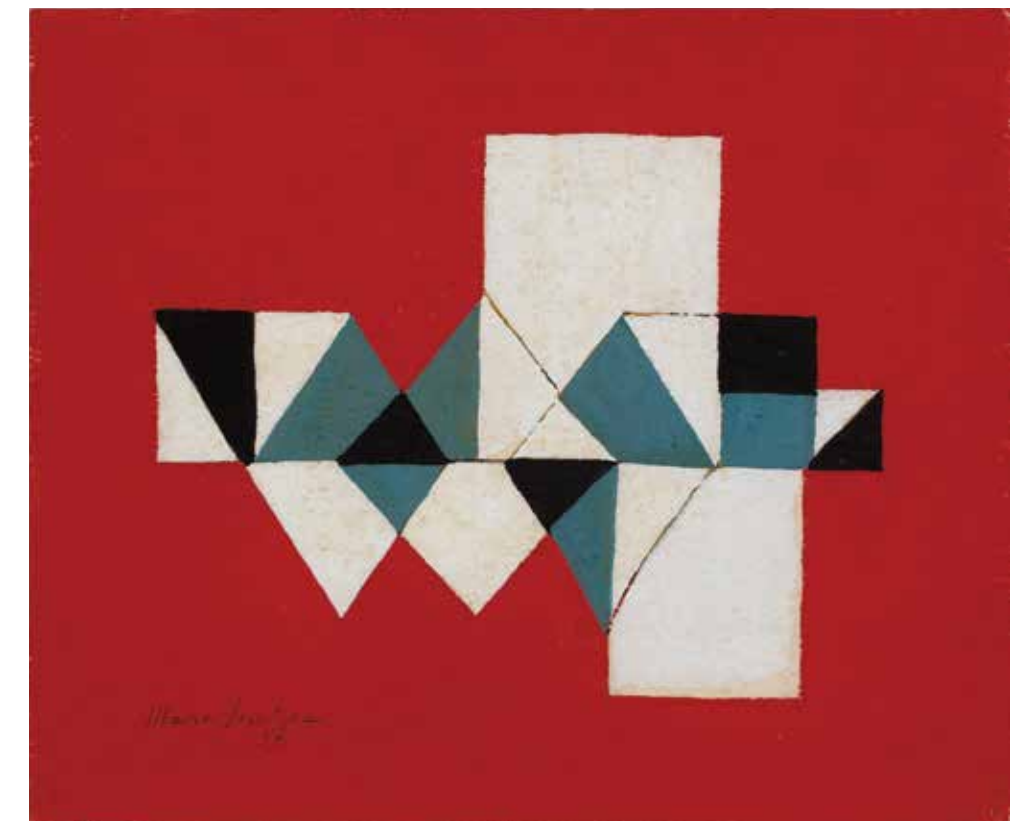
Sem título, 1957
Guache sobre papel
21 x 24,5 cm



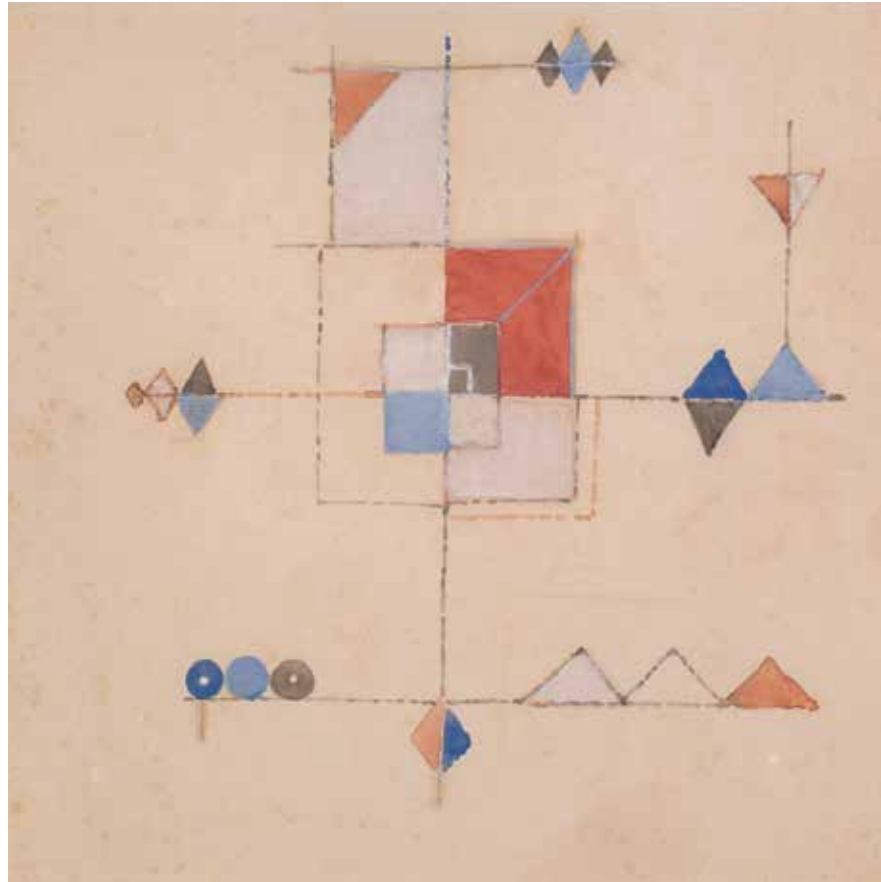
Sem título, déc. 50
Guache sobre papel
17,6 x 24,3 cm



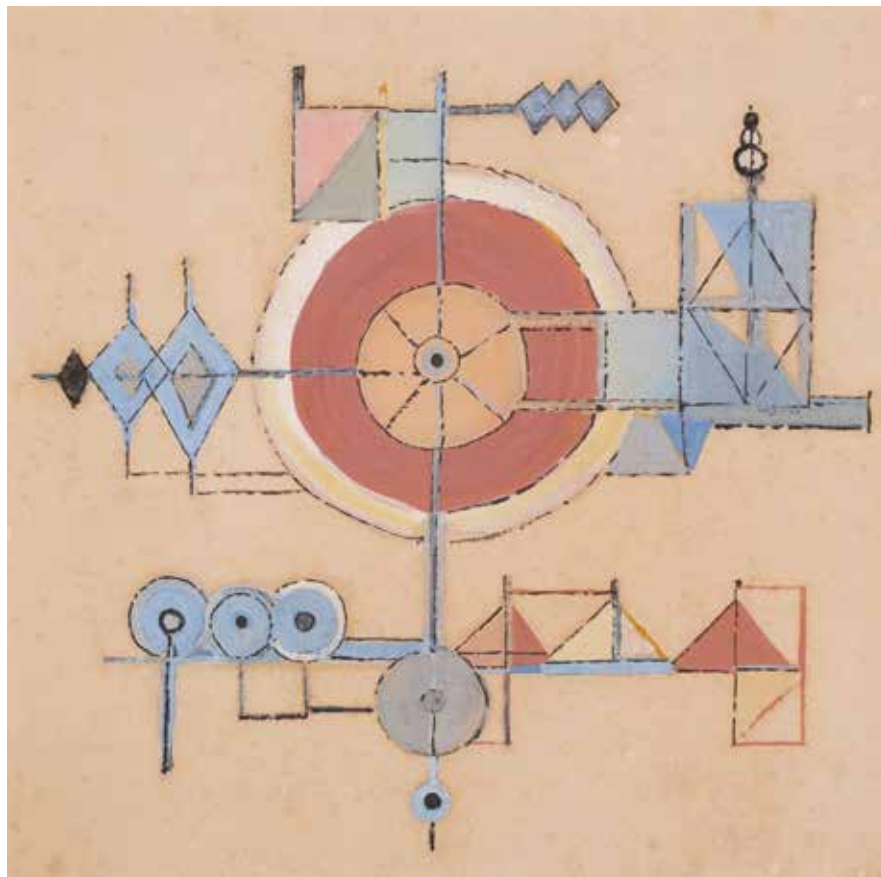
Sem título, 1957
Guache sobre papel
21 x 24,5 cm



Cena IX, 1958
Guache sobre papel
21 x 25,5 cm



Sem título, déc. 50
Guache sobre papel
30 x 30 cm



Sem título, déc. 50
Guache sobre papel
29 x 29 cm



Sem título, déc. 50
Pastel sobre papel
21,5 x 30,5 cm

Da paisagem e do tempo (1956)

Da paisagem e do tempo (paisagem interior, é claro, e tempo atemporal). Difícil de explicar, fases meio mágicas, alquimistas.

Para mim, a paisagem é sempre interior, liga-se ao tempo.

Ainda construtivista, usa o espaço em correlação com a ideia de tempo, novamente aí revelando sua personalidade singular: a linha rígida amaciada pelo traço leve, as cores mais suaves na procura dos meios-tons.

Essa fase deu a pintora o prêmio nacional Guggenheim.

Lélia Coelho Frota, em *Maria Leontina*: pintura sussurro.
São Paulo: Arauco Editora, 2008.

Sem título, 1956
Óleo sobre tela
64 x 80 cm





Os Enigmas 9, 1956
Óleo sobre tela
46 × 55,3 cm

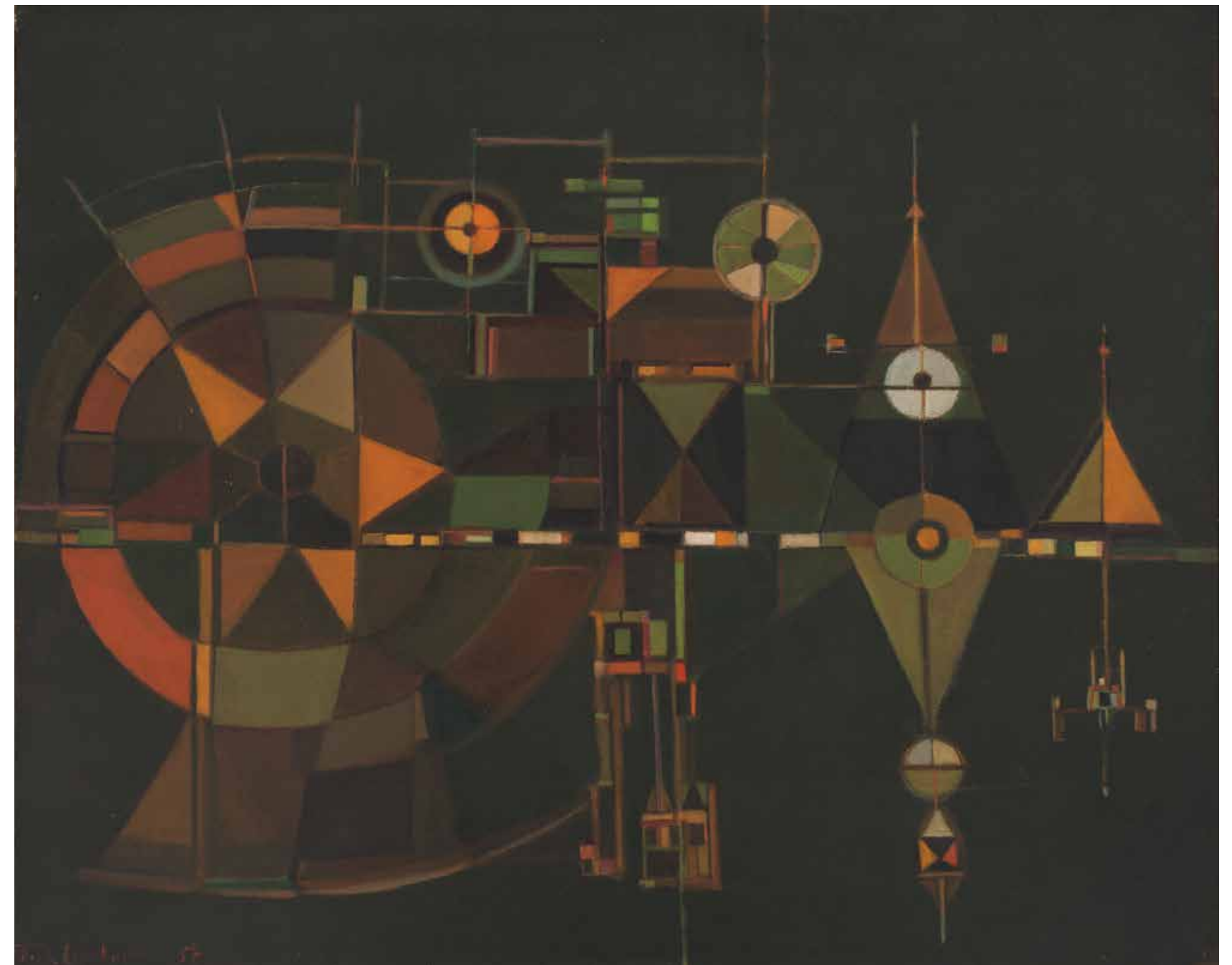
Narrativas, frases, percursos (1957-1960)

Fase em que o tema leva a artista às formas geométricas e a uma disciplina maior. No entanto, sua natureza lírica não se sujeita à precisão e rigidez dos concretistas.

Realiza a série *Narrativas* em que o tema era concebido como uma frase em dois tempos, o superior e o inferior, o positivo e o negativo, ou acima ou abaixo de uma linha divisória...

Geraldo Ferraz em *Desenvolvimento da obra*,
Galeria Arte Global, São Paulo.

Narrativa I — não apenas para divertir, 1957
Óleo sobre tela
64 x 80 cm



Episódios (1958)

A série *Episódios* reflete ainda mais o geometrismo renascentista, coincidindo com a natural influência do construtivismo da época.

As transformações na obra de Leontina, segundo as suas próprias palavras no depoimento dado a Sonia Prieto, deveram-se muito também ao conhecimento que teve da pintura renascentista na Europa.

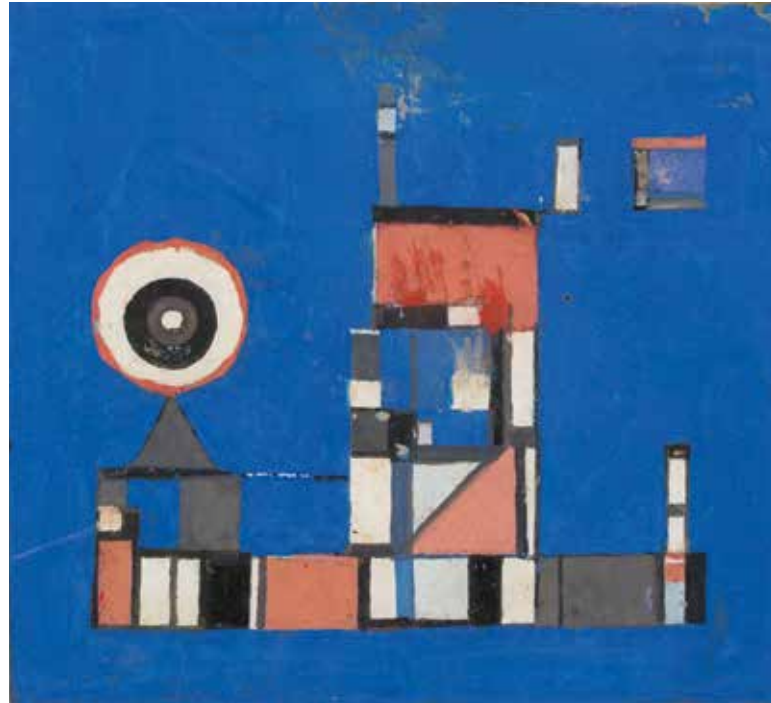
Aquelas composições com horizontais e verticais (de Uccello) me impressionaram muito. Quando voltei, comecei a fazer uns desenhos com um traço experimentado, um traço interrompido, como se eu pudesse a qualquer momento parar e fazer outra coisa: cortar o traço, fugir da coisa figurativa normal.

Na série *Episódios*, utiliza formas geométricas no centro da tela em construções horizontais e verticais, hieráticas, isoladas e concentradas num fundo-espaco liso e neutro. Eram "diferentes espécies de brinquedos mágicos".

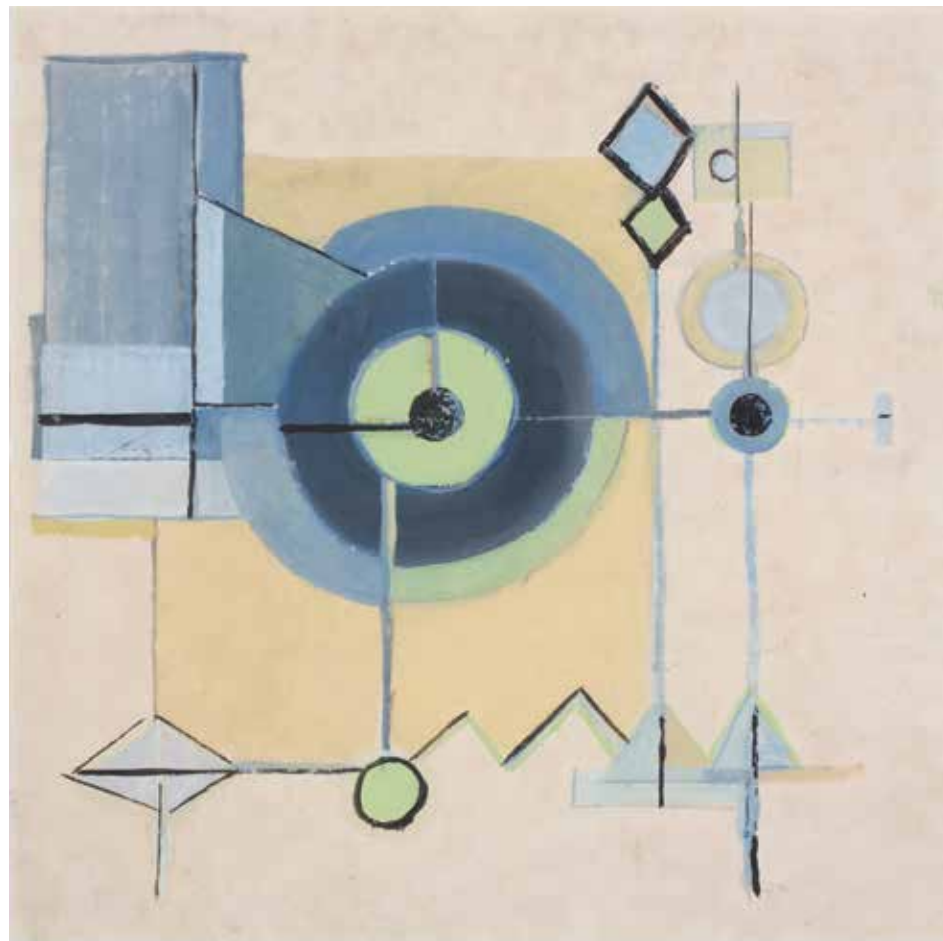
José Geraldo Vieira, Galeria de Arte Global, 1975.

Episódios, 1958
Óleo sobre tela
34,5 x 26 cm





Da paisagem e do tempo / fundo azul, 1958
Guache sobre papel
14,5 x 15,5 cm



Sem título, déc. 50
Guache sobre papel
31,5 x 31,3 cm

1957

Integra a mostra *Coletiva Arte Moderna no Brasil*, no Museu Nacional de Belas Artes, em Buenos Aires, no mês de junho. A exposição circula por Rosario, Santiago e Lima. No mesmo ano, expõe individualmente na Galeria Ambiente, em São Paulo, no mês de julho. Apresenta as séries *Os episódios* e *Da paisagem e do tempo*, expondo óleos e guaches. Na *vernissage* estão presentes, entre outros, Lívio Abramo, Paulo Mendes de Almeida, Dulce Carneiro, Flávio de Carvalho, Mário Schenberg, José Geraldo Vieira, Renina Katz, Reinaldo Bayrão, Alfredo Volpi, Aldo Bonadei, Francisco Rebolo, Anatol Wladyslaw. Geraldo Ferraz comenta a mostra em *O Estado de S.Paulo* (São Paulo, 26 jul. 1957).

Recebe Prêmio Aquisição no Salão Nacional de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Participa da IV Bienal de São Paulo recebendo Prêmio Aquisição. Apresenta as obras *Narrativa I*, *Frases* e *Percursos*. No fim do ano, integra a Expo de Arte Brasileira em Lima, Peru.

1958

Inicia a série *Os episódios* e expõe individualmente na Galeria Tenreiro, no Rio de Janeiro, no início do ano. Participa da exposição na Galeria de Arte das Folhas, em São Paulo, ao lado de Marcelo Grassmann, Alberto Teixeira e Décio Vieira, em agosto. Volta a expor no Rio de Janeiro, desta vez na Galeria GEA, ainda em agosto. Os críticos José Roberto Teixeira Leite, Ferreira Gullar e Lélia Coelho Frota comentam a mostra nos jornais do Rio.

1959

Nasce Alexandre, filho de Maria Leontina e Milton Dacosta, em fevereiro, e ela expõe ao lado do marido no Bar do Museu de Arte Moderna, em São Paulo, no mês de abril.

Participa de coletiva na Galeria de Arte das Folhas, em São Paulo, ao lado de Giselda Leirner, Hércules Barsotti, Tomie Ohtake e Willys de Castro. Ferreira Gullar apresenta a artista no catálogo e comenta: "Para Maria Leontina, pintar é jogar com enigmas", e ainda, "Maria Leontina pertence, nesse sentido, à família espiritual dos Klee e dos Miró". Na ocasião, uma entrevista com a artista fica registrada em "Uma tela frente ao pintor é uma personalidade à parte" (*Folha da Manhã*, São Paulo, 27 nov. 1959).

Participa da V Bienal de São Paulo, com cinco obras da série *Episódios*, e recebe Prêmio Aquisição.

1957

Prêmio Leirner de Arte Contemporânea é dividido entre Alfredo Volpi e Milton Dacosta.

Exposição Nacional de Arte Concreta no Rio de Janeiro. Ivan Serpa recebe o prêmio de viagem ao exterior, no Salão de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

IV Bienal de São Paulo é inaugurada por Juscelino Kubitschek. Integram o júri Lourival Gomes Machado, Lívio Abramo, José Geraldo Vieira, Flávio de Aquino e Arnaldo Ferrari. O resultado da seleção dessa Bienal gera polêmicas. Muitos artistas são recusados. Predomínio de obras construtivistas. Giorgio Morandi recebe o grande prêmio de pintura. Wega Nery e Fernando Lemos dividem o prêmio nacional de desenho. Franz Weissmann recebe o prêmio de melhor escultor e Fayga Ostrower recebe o prêmio de gravura.

1958

Inauguração da Galeria de Arte das Folhas, em São Paulo, no mês de março, com exposição retrospectiva de Lasar Segall. A galeria expõe também Franz Weissmann, Lygia Clark, Lothar Charoux e Ruben Ludolf.

Inauguração da sede definitiva do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Franz Weissmann recebe o prêmio de viagem ao exterior no Salão Nacional de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

1959

O Prêmio Leirner de Arte Contemporânea, relacionado às exposições de 1958, é dividido entre Milton Dacosta e Alfredo Volpi.

Grande exposição retrospectiva de Milton Dacosta, no MAM-RJ, no mês de julho.

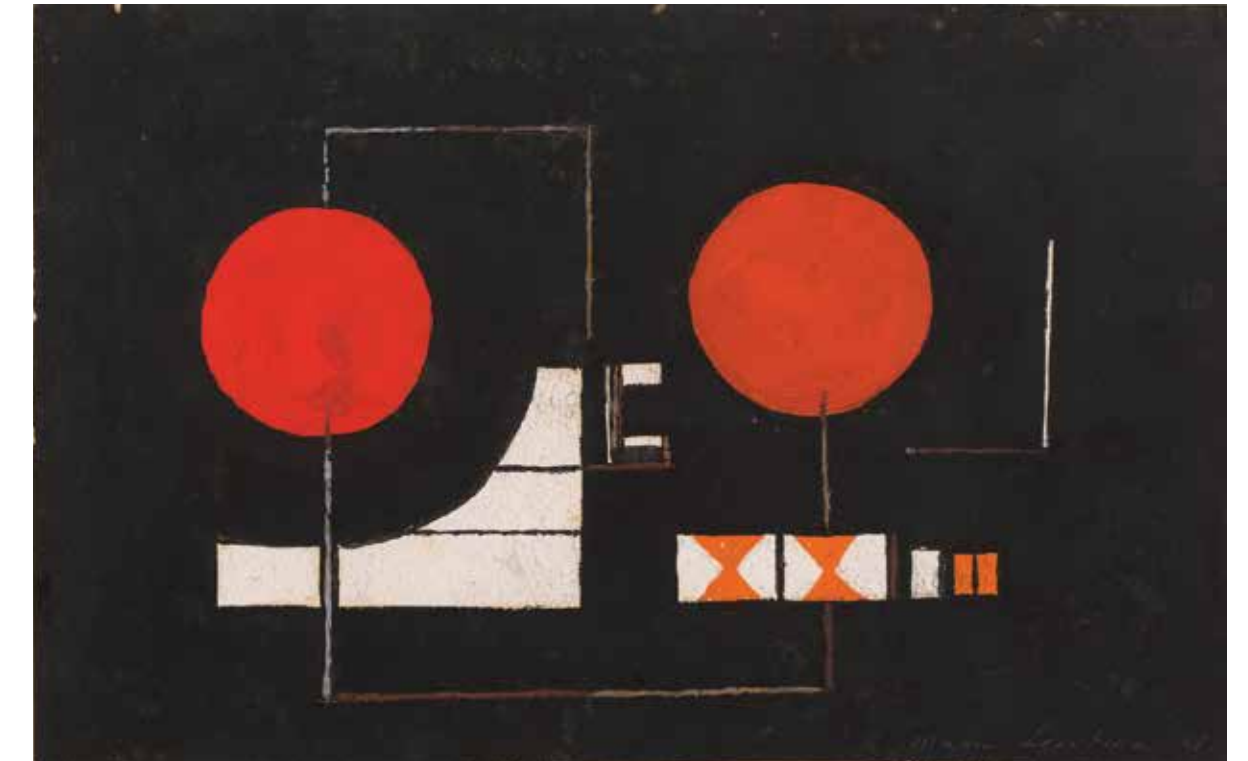
Exposição Individual de Manabu Mabe no MAM-RJ.

Congresso Internacional de Críticos de Arte, em Brasília, organizado por Mário Pedrosa.

Exposição Neoconcreta no MAM-RJ.

V Bienal de São Paulo, na qual Manabu Mabe recebe o Prêmio Nacional de Pintura, ao lado de Marcelo Grassmann em desenho, e Barbara Hepworth, da Grã-Bretanha, recebe o prêmio de melhor pintor estrangeiro.

Chega ao Rio Johnny Friedlander que vem inaugurar cursos de gravura no MAM-RJ.



Sem título, 1958
Guache sobre papel
13,5 x 21,5 cm



Sem título (série *Episódios*), 1958
Óleo sobre tela
54 x 33 cm



Episódios, 1958
Óleo sobre tela
55 x 33 cm



Estudo para vitral, início déc. 60
Pastel sobre papel
41 x 42 cm



Estudo para vitral, déc. 60
Pastel sobre papel
17 x 16 cm

1960

Em 9 de maio, Maria Leontina recebe o Prêmio Nacional Guggenheim, da Fundação Guggenheim, na Galeria São Luiz, em São Paulo. Além da artista premiada, são também escolhidos para representar o Brasil, em Nova York, os artistas Lygia Clark, Flávio Tanaka, Manabu Mabe e Loio Pérsio. Os jornais de São Paulo e Rio comentam a premiação.

A Escolinha de Arte Brasil, dirigida por Augusto Rodrigues, e a Associação dos Artistas Plásticos Contemporâneos reúnem artistas e intelectuais para homenagear a artista e os quatro selecionados. Na ocasião do prêmio, a Assembleia Legislativa de São Paulo, através do deputado Israel Dias Novaes, concede um voto de louvor à Maria Leontina.

As exposições se sucedem. Expõe individualmente na Galeria Estúdio, no Rio de Janeiro. Na ocasião, é escolhida como "pintor do mês" pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). Também participa do Salão Paulista de Arte Moderna, onde recebe o Prêmio Aquisição.

Em outubro, a artista fixa residência novamente em São Paulo e expõe na Galeria de Arte São Luiz. Sérgio Milliet comenta a mostra em *O Estado de S. Paulo* (São Paulo, 29 out. 1960). No final do ano, Maria Leontina é convidada de honra do almoço mensal dos cronistas de imprensa, organizado por Odete de Freitas, em São Paulo. Participam do evento, entre outros, Alfredo Volpi, Ana Maria Fiocca, Marcelo Grassmann, Radha Abramo, Mário Barata, Maria Eugênia Franco, Manabu Mabe e Yolanda Matarazzo. O crítico José Geraldo Vieira escreve sobre Maria Leontina na Revista *Habitat*.

1960

Prêmio Nacional da Fundação Guggenheim na Galeria São Luiz, em São Paulo. Integram o júri Bruno Giorgi, Mário Barata e Flávio de Aquino.

No fim de maio, é decidido o Prêmio Leirner de Arte Contemporânea, referente às exposições na Galeria de Arte das Folhas, durante o ano de 1959 e o começo de 1960. Sheila Branningan recebe o primeiro prêmio e Leopoldo Raimo fica com o segundo lugar.

IX Salão Paulista de Arte Moderna.

Salão Nacional de Arte Moderna no Rio de Janeiro.

Aluísio Carvão recebe o prêmio de viagem ao exterior nesse Salão.

Exposição de Arte Concreta de São Paulo, no MAM-RJ.

II Exposição Neoconcreta no MEC-RJ.

Em Zurique, Max Bill organiza a Exposição Internacional de Arte Concreta.

Inauguração de Brasília.

Jânio Quadros é eleito presidente.



Estudo para vitral, déc. 60
Pastel sobre papel
17,3 x 17,3 cm



Estudo para vitral, déc. 60
Pastel sobre papel
17 x 16,8 cm

1961

Integra a Mostra Coletiva na Petite Galerie, no Rio de Janeiro, ao lado de Milton Dacosta, entre outros, no mês de maio. E, ainda na Petite Galerie, expõe individualmente em setembro, apresentando sua nova série, *Formas*, de coloridos intensos, agora libertando-se do construtivismo das fases anteriores. Jayme Maurício apresenta o catálogo e comenta a mostra em "Saudação a Maria Leontina na P.G." (*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 24 set. 1961).

Em outubro, a artista expõe na Galeria Seta, em São Paulo e, a convite do arquiteto Carlos Lemos, executa um painel de pastilhas para o Edifício Copan, em São Paulo (executado por Vidrottil). Idealiza também um vitral para a residência em São Paulo (executado por Vitrais Conrado Sorgenitch).

Participa da VI Bienal, com isenção de júri, apresentando cinco telas da série *Formas*, e recebendo Prêmio Aquisição. Expõe ao lado de Milton Dacosta na Associação dos Amigos do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

1962

Em meados de maio, Maria Leontina é convidada a participar da I Bienal Americana de Arte, a realizar-se em Córdoba, Argentina. Ao lado da artista, são também selecionados Di Cavalcanti, Alfredo Volpi, Yolanda Mohaly, Ivan Serpa, Milton Dacosta, Djanira, Danilo Di Prete, Shigeto Tanaka e Alberto da Veiga Guignard.

Antonio Bento comenta a seleção em "Brasileiros na I Bienal Americana" (*Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 23 maio 1962). Ainda nesse mês, a artista expõe na Petite Galerie, em São Paulo. Na ocasião, José Geraldo Vieira publica uma série de três artigos na *Folha de S. Paulo*, sobre a obra de Maria Leontina, analisando as fases expostas (22-24 de maio 1962).

Participa da Mostra Coletiva na sede do Clube dos Artistas e Amigos da Arte, à rua Bento Freitas, em São Paulo, ao lado de Aldo Bonadei, Antonio Bandeira, Leopoldo Raimo, Arcângelo Ianelli, Lothar Charoux, Milton Dacosta, Tomie Ohtake, Yolanda Mohaly, entre outros.

1961

Exposição Neoconcreta no MAM-SP.

VI Bienal de São Paulo.

A artista Maria Helena Vieira da Silva recebe o grande prêmio em pintura nessa Bienal. Sala especial de Milton Dacosta na VI Bienal.

Renúncia de Jânio Quadros, em agosto. Raineiri Mazzili assume provisoriamente o governo.

Instituição do governo parlamentar, com João Goulart na presidência.

1962

I Bienal Americana de Arte, em Córdoba, Argentina. O júri internacional, presidido por Herbert Read, conta com a participação de Mário Pedrosa.

Primeiro número da revista Crítica de Arte, no Rio de Janeiro.

O primeiro-ministro Tancredo Neves renuncia e, por plebiscito, o regime presidencialista é decidido.

Formas (1961)

Depois, fugindo dessa rigidez, nasceram as formas arredondadas, como rochas, uma espécie de paisagem fantástica, de formas entrelaçadas, que expus na Petite Galerie de São Paulo.

Fiz também muitos pastéis dessa série.

Maria Leontina, essa artista maior, entrevista a Luiz Ernesto Kawai, *A Tribuna*, Santos, 1972.

[...] as grandes construções curvilíneas dessas formas abrirão caminho para uma crescente liberdade da artista [...]

Lélia Coelho Frota, em *Maria Leontina: pintura sussurro*. São Paulo: Arauco Editora, 2008. p. 57.



Série *Formas*, 1961
Óleo sobre tela
97 x 116 cm



Sem título, 1964
Pastel sobre papel
18 x 12 cm

Estandartes (1963)

Depois vieram os estandartes, de repente descobertos como tema plástico infinito, em suas possibilidades de variação de forma, linha e cor, manifestação dos impactos atuais, pálio múltiplo, defensor de mil ideias...

[...] os Estandartes apresentam-se hieráticos sobre o campo neutro. Mais adiante, os planejamentos deles se dilacerarão, o desenho será mais movimentado, a cor se dramatizará mais.

Lélia Coelho Frota, em *Maria Leontina: pintura sussurro*.
São Paulo: Arauco Editora, 2008.

Estandartes, pálios de mil credos, rasgados e soltos, alguns festivos e coloridos (sentia em mim a necessidade de tomar decisões e defendê-las). Por isso adquiriram um caráter simbólico com diferentes significados.

Depoimento para Frederico de Moraes, *O Globo*, 1975.

1963

Inicia a série *Os estandartes*. Maria Leontina começa a utilizar a tinta acrílica e expõe na Galeria Seta, em São Paulo, no mês de outubro, já apresentando essa série. Geraldo Ferraz comenta a mostra em "Estandartes de um temário simbólico" (*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 out. 1963).

Participa da VII Bienal de São Paulo, com cinco obras da nova fase. Recebe o Prêmio Aquisição com a obra *Estandarte V*. Em novembro, após algum tempo afastada do Rio de Janeiro, a artista expõe na Galeria Relevo, com apresentação de Mário Pedrosa.

O crítico Antonio Bento, no artigo intitulado "Estandartes de Maria Leontina", comenta:

"Ao tema dos panos e tapetes estendidos, a pintora emprestou uma dignidade artística rara, elevando-os à altura dos temas da pintura metafísica italiana, a qual certamente marcou época na arte moderna. Mas o que valoriza essa nova fase de Maria Leontina é a qualidade plástica excepcional da maioria dos seus trabalhos, e também a sensibilidade apuradíssima do seu colorido, de uma finura rara na pintura brasileira da nossa época" (*Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 6 dez. 1963).

1963

Fechamento provisório do MAM- SP, com a doação de seu acervo à Universidade de São Paulo.

Fundação do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP).

Loio-Pérsio recebe o prêmio de viagem ao exterior no Salão Nacional de Arte Moderna-RJ.

VII Bienal de São Paulo, que premia norte-americano Adolf Gottlieb, como o melhor pintor estrangeiro, e Yolanda Mohaly recebe o prêmio de melhor pintura brasileira.



Estandarte, 1963
Óleo sobre tela
46 x 38 cm

1964

Integra a mostra *14 tapeçarias do atelié Douchez-Nicola*, em maio, na Galeria Astreia, em São Paulo, ao lado de Wega Nery, Yolanda Mohaly, entre outros. Em meados do ano Maria Leontina é selecionada para participar da II Bienal Americana de Arte, em Córdoba, Argentina. Nessa bienal, são escolhidos para representar o Brasil 12 nomes femininos. Além da artista, participam Mira Schendel, Yolanda Mohaly, Tomie Ohtake, Wega Nery, Sheila Branningan, Marília Gianetti, Helena Wong, Anna Szulc, Graubem Monte, Stella Campos e Tereza D'Amico. Executa ainda estampa para a Rhodia, ao lado de outros artistas.

1964

O presidente João Goulart é deposto por um golpe militar e Castelo Branco assume a presidência, graças a um golpe orquestrado pelos militares.



Sem título, 1964
Óleo sobre tela
46 x 38 cm



Sem título, déc. 60
Pastel sobre papel
21,5 x 15,5 cm

Pintura (1966)

Telas de grandes dimensões e de um colorido intenso. Em *Pintura*, ela deu à cor o mesmo movimento alado e concreto, caprichosamente construído.

Walmir Ayala, em Vera D'Horta, MAM.

A cor é o equilíbrio visceral da sua composição pictórica. É na cor que seu trabalho se coloca e se distingue, com tons e semitons e o fundo da tela — em seu interior mais abstrato — e na construção de transparências de maneira que os planos de cor continuem a vibrar sobre os outros, numa soma absoluta de real e irreal, no domínio espiritual da pintura

Lélia Coelho Frota, em catálogo da Galeria de Arte Ipanema.

1965

Maria Leontina idealiza dois vitrais triangulares para a Igreja Episcopal Brasileira, Paróquia da Santíssima Trindade, na praça Olavo Bilac, em São Paulo, é convidada pelo arquiteto Jacob Ruchti, autor do projeto. Uma de suas obras é adquirida para o Palácio do Itamaraty, em Brasília.

1966

A artista pinta telas de grandes dimensões com coloridos intensos. Chama essa fase de *Pintura*. Nessa série, segundo Maria Eugênia Franco, "interpreta pensamentos de grandes místicos e poetas, realizando experiência de ilustração pictórica de textos literários". Figura como convidada especial no XXI Salão Municipal de Belas Artes, de Belo Horizonte, e uma de suas obras é adquirida para o Museu da Pampulha, também na capital mineira.

Expõe na Associação dos Amigos do Museu de Arte Moderna de São Paulo, no mês de setembro. Geraldo Ferraz, José Geraldo Vieira e outros críticos comentam a mostra nos jornais de São Paulo.

1965

Em São Paulo, criação do Grupo Rex, com Nelson Leirner, Geraldo de Barros, Wesley Duke Lee, Frederico Nasser, Carlos Fajardo e José Resende.

Na FAAP-SP, discussões sobre a arte brasileira e a mostra intitulada Propostas 65 e, no Rio de Janeiro, é apresentada mostra Opinião 65.

VIII Bienal de São Paulo. São premiados Alberto Burri, Vasarely e Kumi Sugai. Danilo Di Prete recebe o prêmio de melhor pintor nacional.

Os partidos políticos são dissolvidos através do Ato Institucional nº 2 e é estabelecida eleição indireta para presidente. São formados dois novos partidos: Aliança Renovadora Nacional (Arena) e Movimento Democrático Brasileiro (MDB).

1966

Em São Paulo, é apresentada a mostra Propostas 66 e, no Rio de Janeiro, Opinião 66.



Sem título, 1965
Óleo sobre tela
97 x 116 cm



Composição azul, 1967
Óleo sobre tela
65 x 54 cm

1967

Participa de várias coletivas, em São Paulo, além de integrar a representação brasileira na IX Bienal de São Paulo, apresentando cinco telas da série *Pintura*, de grandes dimensões (150 x 150 cm).

1968

Retorna à pintura figurativa com *As orantes*, personagens líricas. No entanto, continua com *Os estandartes* e realiza uma série de figuras femininas em guache e pastel.

Integra a mostra *35 artistas nacionais*, no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP), em maio desse ano e, em novembro, participa da mostra *19 pintores, 20 anos depois*, na Galeria Tema, em São Paulo.

1969

Participa do I Panorama da Arte Atual Brasileira, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, recebendo o Prêmio Aquisição para o Palácio dos Bandeirantes, sede do governo paulista. Expõe na Galeria Cosme Velho, em São Paulo, ao lado de Francisco Rebol, Flávio de Carvalho, Maria Bonomi, Carlos Scliar, entre outros.

1967

IV Salão de Arte Moderna, em Brasília, organizado por Frederico Moraes. Integram o júri Clarival Valladares, Mário Barata, Frederico Moraes, Walter Zanini e Mário Pedrosa.

No Rio de Janeiro, o MAM abriga a mostra Nova objetividade brasileira.

IX Bienal de São Paulo, na qual são premiados Richard Smith e Flávio de Carvalho.

Costa e Silva é nomeado presidente da República.

1968

Em São Paulo é inaugurado o novo prédio do Museu de Arte de São Paulo, na avenida Paulista.

Reabertura do MAM-SP, no parque Ibirapuera com novo acervo de arte brasileira.

IV Salão de Arte de Brasília. Ato Institucional nº 5 e dissolução do Congresso.

1969

X Bienal de São Paulo, que sofre boicote devido à situação política do país.

O presidente Costa e Silva é afastado devido a problemas de saúde.

O país é governado por uma junta militar.

Em outubro, Emílio Garrastazu Médici assume a presidência.



Série Pintura, sem data
Óleo sobre tela
46 x 33 cm



Sem título, 1967
Óleo sobre tela
55 x 46 cm



Sem título, sem data
Óleo sobre tela
93 x 73 cm



Sem título, 1970
Acrílica sobre tela
27 x 22 cm

Páginas (1972)

As *Páginas*, de início, de cromatismos e grafismos crispados. Depois, de uma síntese e rarefação serenas, e tonalidades claras, diáfanas, de extraordinária expressão, buscando "o diálogo pelo silêncio" com o receptor.

Nas Páginas, pretendo que cada um possa ter um diálogo pelo silêncio, ou entender o que é impossível, desde que o título é apenas simbólico, mas definido. Ao mesmo tempo cada um pode ler nelas o que quiser de si mesmo ou do que o artista quis definir plasticamente, com um traço ou uma cor conscientemente titubeante ou apenas sugerido.

Lélia Coelho Frota em entrevista a Marinho de Azevedo, revista *Veja*, n. 212, 1972.

[...] sempre deixei tudo muito livre dentro de mim. Buscava o despojamento da forma, ao mesmo tempo que brincava com papéis, dobrando-os, e assim me sentia liberta.

Depoimento a Frederico de Moraes, em *O Globo*, 1975.

1970

Participa do II Panorama da Arte Atual Brasileira, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, recebendo novamente o Prêmio Aquisição, dessa vez para a Pinacoteca do Estado. Realiza estudos para ilustração do livro *O jogo das contas de vidro*, de Herman Hesse, que não chegam a ser publicados. Inicia, ainda, a série *Páginas*.

1971

Integra a mostra *Desenho brasileiro através da ilustração*, na Galeria Delaparra, Rio de Janeiro.

1972

Participa da mostra *Dacosta e dez alunos*, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, em agosto. Em setembro, expõe individualmente na Galeria Seta, em São Paulo. Na inauguração, apresentada por Antonio Maluf, registram-se as presenças de Paulo Mendes de Almeida, Arnaldo Pedroso D'Horta, Arcangelo Ianelli, Anésia Pacheco Chaves, Ernestina Karman, Lothar Charoux, Izar do Amaral Berlinck, entre outros.

Por ocasião do evento, Waldemar da Costa recebe a *Seta de ferro*, prêmio ofertado pela galeria para as pessoas de grande projeção no panorama artístico brasileiro. E, ainda sobre o tema, o crítico Luiz Ernesto Kawall publica o artigo "Essa artista maior, Maria Leontina: sucesso na Seta", com depoimento da artista (*A Tribuna*, Santos-SP, 24 set. 1972).

Arnaldo Pedroso D'Horta e Ernestina Karman escrevem sobre Maria Leontina nos jornais de São Paulo. A artista, em seguida, expõe individualmente na Galeria de Arte Ipanema, no Rio de Janeiro, apresentando 23 telas da série *Páginas*. Os críticos Jayme Maurício e Walmir Ayala comentam a mostra nos jornais cariocas. E, em São Paulo, integra a exposição *Arte Brasil hoje — 50 anos depois*, organizada por Roberto Pontual, na Galeria Collectio.

1970

Em São Paulo, a criação da *Escola Brasil*, por Luiz Paulo Baravelli, Carlos Fajardo, Frederico Nasser e José Resende. Exposição *Jovem Arte Contemporânea*, no MAC-USP, com a emergência das primeiras utilizações xerográficas.

Início da construção da *Rodovia Transamazônica*.

1971

Exposição individual de Milton Dacosta, na *Petite Galerie*, no Rio de Janeiro.

Frederico Moraes organiza a mostra *Domingos da criação*, no MAM-RJ.

XI Bienal de São Paulo, com homenagem a *Samson Flexor*.

1972

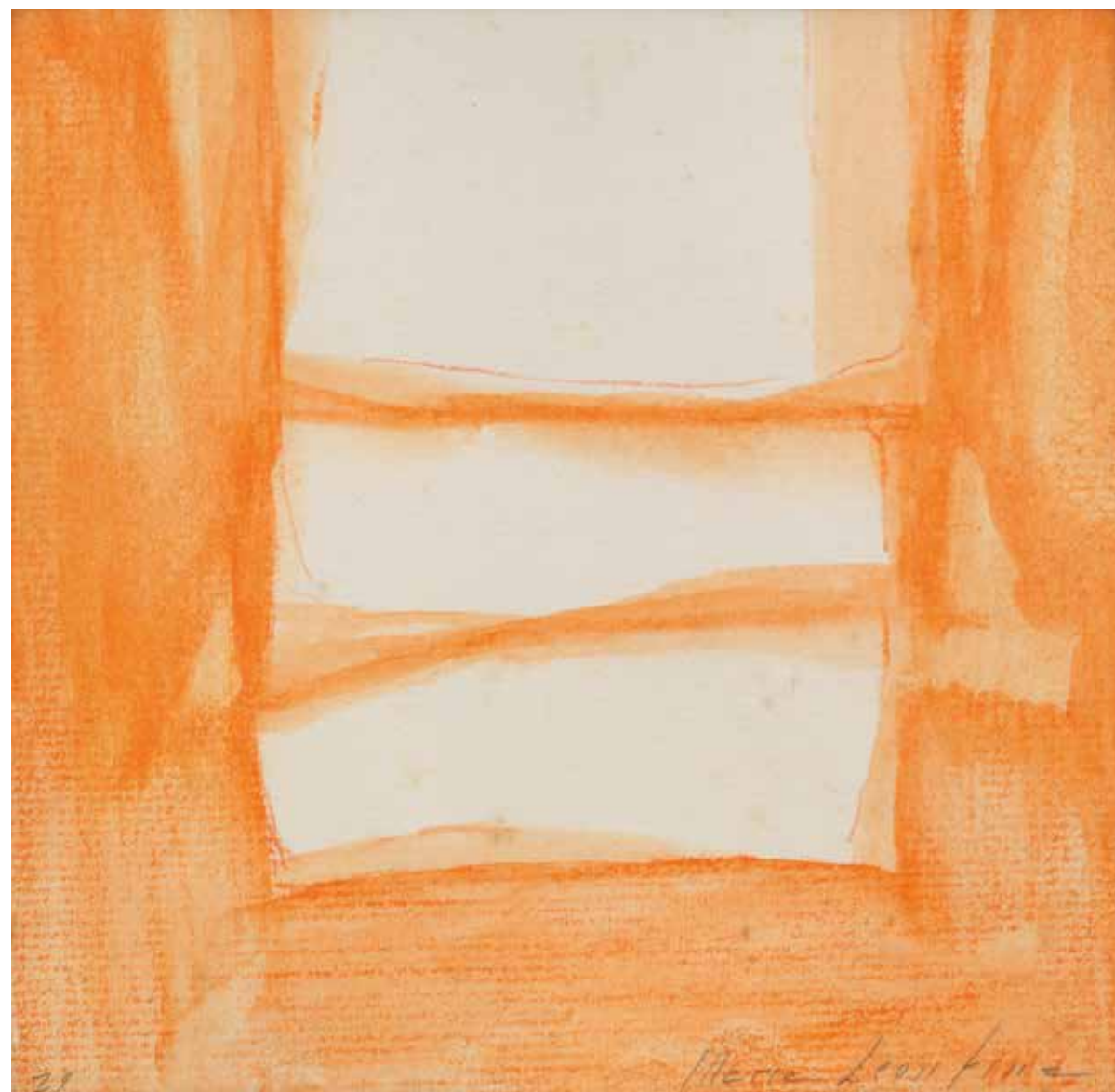
Mostra coletiva intitulada *Dacosta e dez alunos*, no MAM-SP. Além de Waldemar da Costa participam *Amélia Toledo, Lothar Charoux, Clóvis Graciano, Hermelindo Fiaminghi, Archangelo Ianelli, Izar do Amaral Berlinck, Maria Leontina, Mirian Chiaverini, Rachel Vaz Arruda e Ubirajara Ribeiro*.

Exposição *Acontecimentos*, no MAC-USP, com a participação de *Donato Ferrari, Tomoshige Kusuno, Nelson Leimer, Lydia Okumura, Amélia Toledo, Carlos Trafic e Roberto Granada*, em abril.

Exposição *VI Jovem Arte Contemporânea*, no MAC-USP, em outubro.



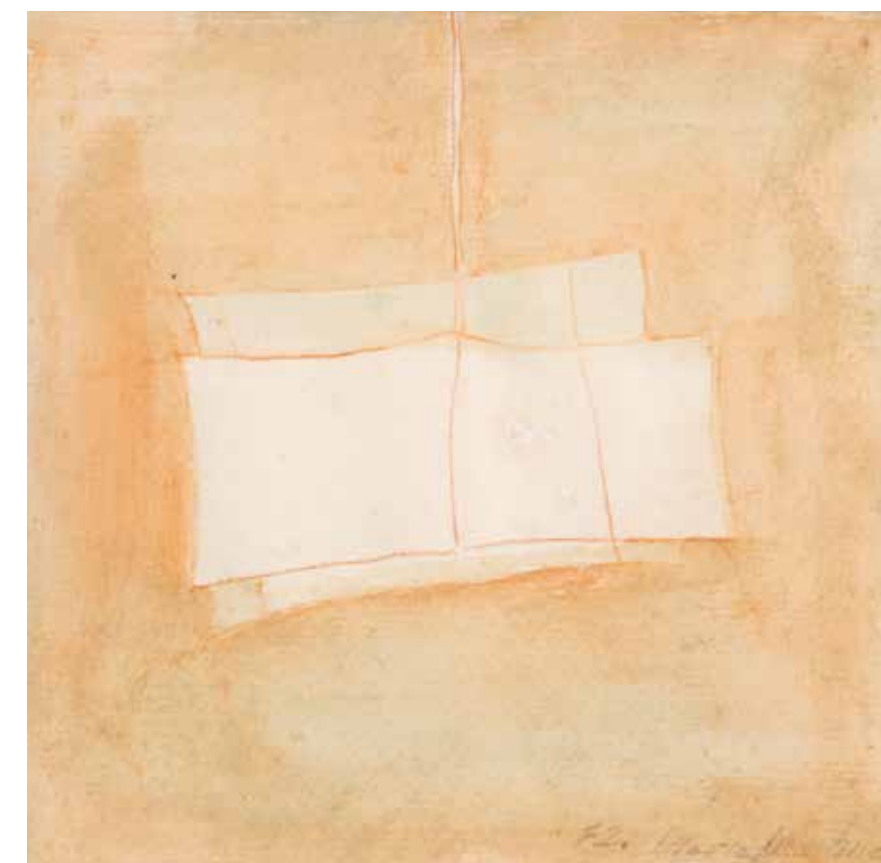
Páginas, 1972
Acrílica sobre tela
90 x 90 cm



Sem título, 1972
Lápis aquarelado sobre papel
17 x 16 cm



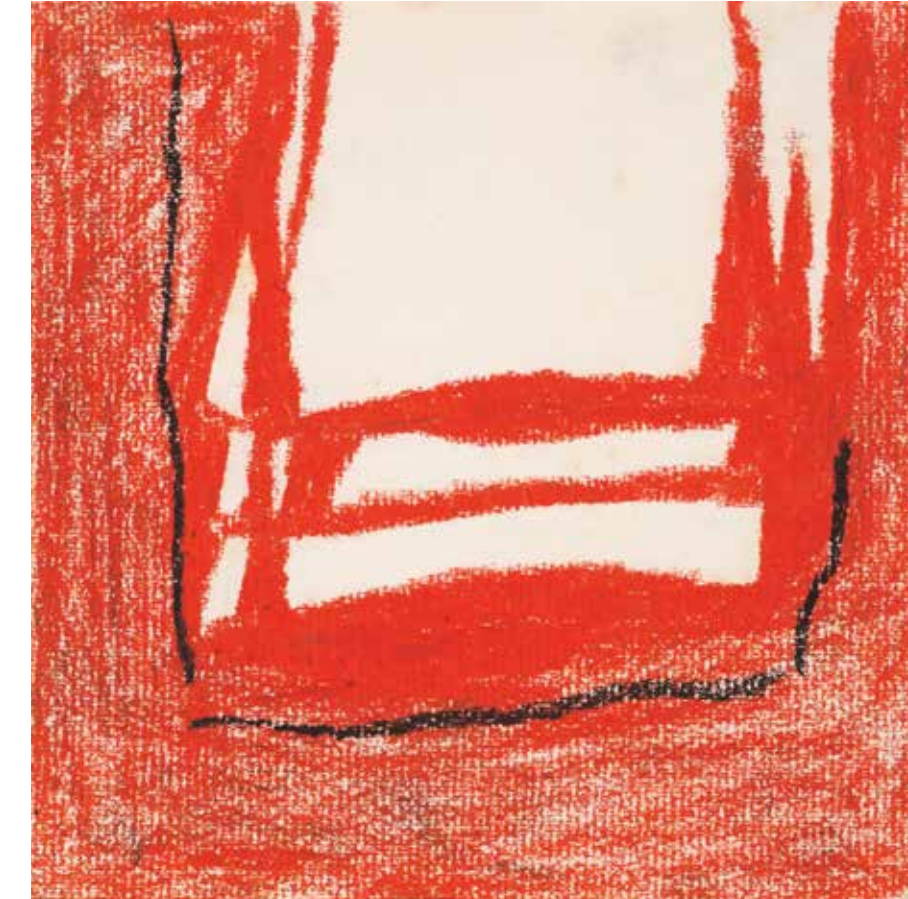
Sem título, 1972
Lápis aquarelado sobre papel
14 x 14,5 cm



Sem título, 1972
Lápis aquarelado sobre papel
15 x 15 cm



Sem título, déc. 70
Pastel sobre papel
15 x 15 cm



Sem título, déc. 70
Pastel sobre papel
15 x 15 cm



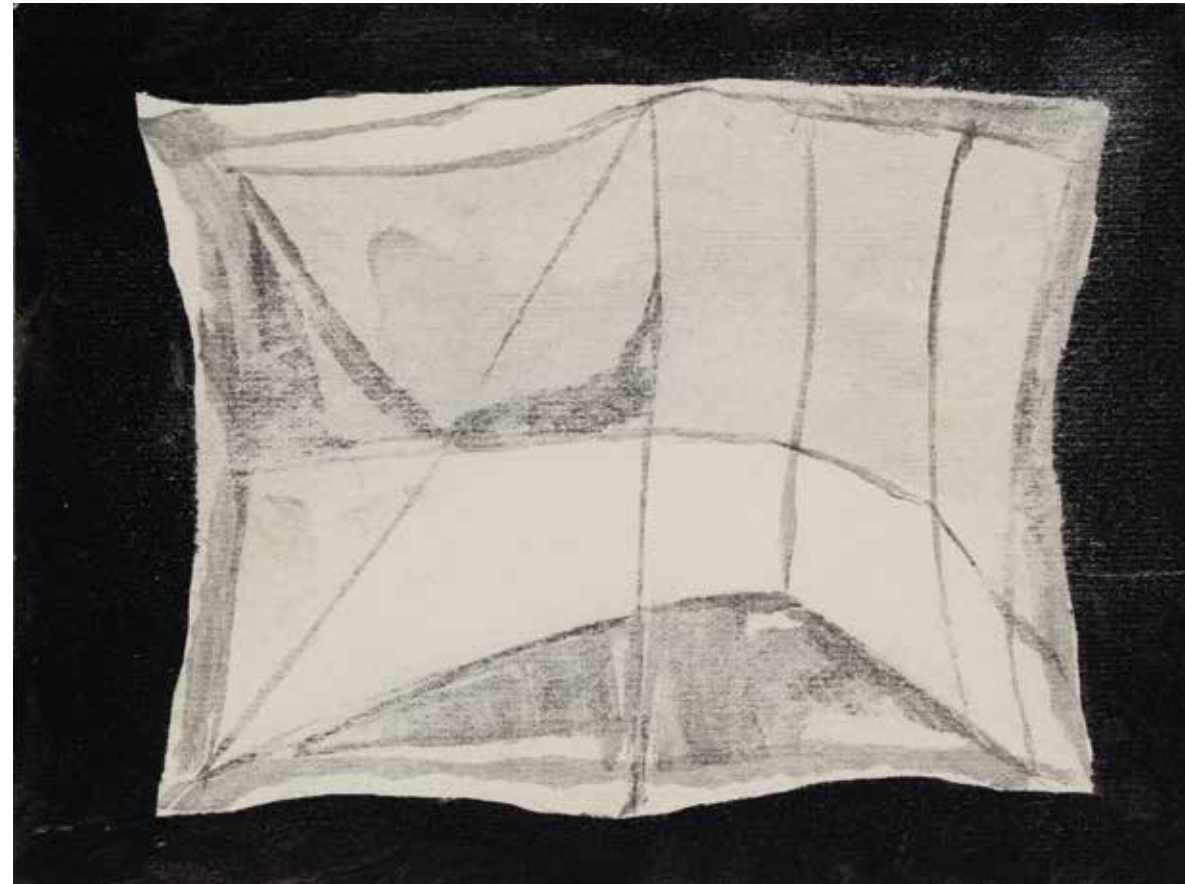
Sem título, déc. 70
Pastel sobre papel
15 x 15 cm



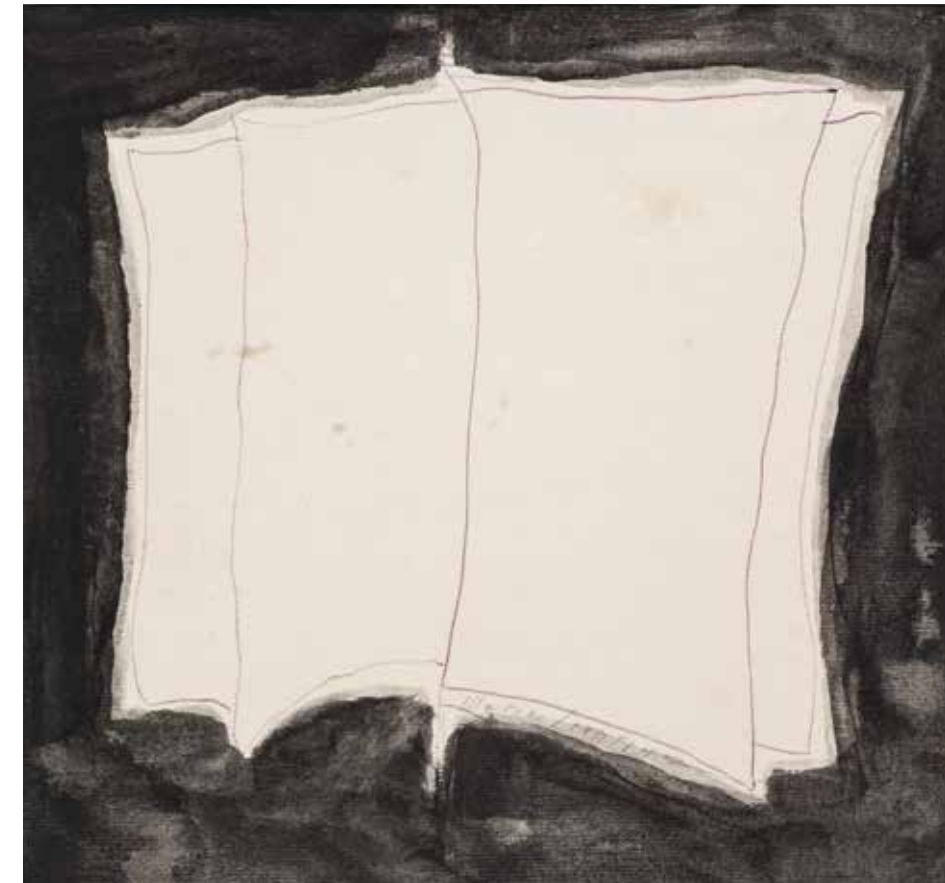
Sem título, déc. 70
Pastel sobre papel
15 x 15 cm

Páginas, 1972
Acrílica sobre tela
50 x 50 cm





Sem título, 1972
Lápis aquarelado sobre papel
13 x 17 cm



Sem título, 1972
Lápis aquarelado sobre papel
17 x 19 cm



Sem título, 1972
Lápis aquarelado sobre papel
15 x 15 cm

1973

Expõe ao lado de Alfredo Volpi, Flávio de Carvalho e Aldemir Martins na Galeria Collectio, em julho.

1973

Exposição VII Jovem Arte Contemporânea, no MAC-USP.

XII Bienal de São Paulo, com sala especial dedicada a Waldemar Cordeiro.

p. 61
Da série *Páginas*, 1973
Acrílica sobre tela
89 x 116 cm





Páginas, 1973
Acrílica sobre tela
61 x 38 cm



Páginas, c. 1973
Acrílica sobre tela
61 x 38 cm



Sem título, 1974
Acrílica sobre tela
22 x 35 cm

Os reinos e as vestes e Novas páginas (1975)

Na série denominada *Os reinos e as vestes*, ela queria que se visse o que de fato havia, isto é, reinos e vestes e não pintura abstrata.

Vera D'Horta, catálogo MAM.

Contudo, perguntada sobre o por que da escolha deste título, a voz da pintora Maria Leontina tornou-se de novo vacilante:

[...] meus títulos nascem após as séries. No caso desta, sinto que são reinos, e que não são vestes, mas não estão aqui. Quem não conseguir vê-las, aliás, não conseguirá ver mais nada em todo o quadro.

Olívio Tavares de Araújo, revista *Veja*, 1975.

1975

No início do ano parte para a Europa, em companhia do filho Alexandre, permanecendo dois meses. Visita a Itália, Espanha e Inglaterra. E surgem as séries *Os reinos e as vestes* e *Novas páginas*, relacionadas, segundo a artista, com cores e tons vistos recentemente na Itália.

Expõe individualmente na Petite Galerie e na Galeria de Arte Ipanema, ambas no Rio de Janeiro, e é convocada a participar do X Salão de Arte Contemporânea de Campinas, realizado no Museu de Arte Contemporânea da cidade, em novembro. Para esse salão, intitulado *Arte-Brasil/Documento Debate*, são convidados, além de Maria Leontina, os artistas Amílcar de Castro, Antonio Henrique Amaral, Franz Weissmann, João Câmara Filho, Mário Bueno, Mira Schendel, Ruben Valentim, Sérgio Camargo e Tomie Ohtake. Na ocasião, a artista é entrevistada e seu depoimento é parcialmente transcrito em "Leontina, reinos e vestes" (*Folha de S. Paulo*, São Paulo, 23 nov. 1975).

No fim do ano, a Galeria Arte Global organiza uma grande exposição de Maria Leontina, em São Paulo. Waldir Ayala apresenta a mostra. A artista expõe as séries *Os reinos e as vestes* e *Novas páginas*, apresentando 25 telas. Paralelamente à mostra, é editada uma litogravura da artista, com tiragem de 100 exemplares. Essa exposição traz à Maria Leontina o prêmio de pintura da Associação Paulista dos Críticos de Arte, no ano seguinte.

1975

Início das atividades da Funarte e do Departamento, de Documentação Artística da Prefeitura Municipal de São Paulo (Idart, hoje Centro Cultural São Paulo), dirigido por Maria Eugênia Franco.

X Salão de Arte Contemporânea de Campinas, organizado pelos críticos Aracy Amaral, Aline Figueiredo e Frederico Moraes, com a participação de doze artistas convidados. Além da exposição e debate, no evento intitulado Arte-Brasil/Documento Debate, os artistas gravam depoimento em fitas para o arquivo do Museu de Arte Contemporânea de Campinas (MACC).

Governo de Ernesto Geisel, de 1974 a 1979.



Sem título, 1975
Acrílica sobre tela
65 x 81 cm

1976

No início do ano recebe o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte. Participa de um debate organizado por Aracy Amaral na Pinacoteca do Estado, em São Paulo, em função do X Salão de Arte Contemporânea de Campinas, realizado no ano anterior. Ainda em São Paulo, integra a mostra *Arte brasileira — Século XX. Caminhos e tendências*, organizada por Frederico Moraes, na Galeria Arte Global.

Em novembro, Maria Leontina participa da exposição *O desenho jovem nos anos 1940*, organizada por Aracy Amaral, na Pinacoteca do Estado, em São Paulo.

1976

A Associação Paulista de Críticos de Arte escolhe os melhores de 1975. Além de Maria Leontina, que recebe o prêmio de pintura, Franz Weissmann é premiado em escultura. Em crítica e comunicação são premiados Aracy Amaral, Pietro Maria Bardi, Mário Pedrosa e Frederico Moraes.

Exposição *Década de 70*, no MAC-USP.

Umbrais/Altars (1976-1977)

[...] a arte de Maria Leontina não é forçosamente abstrata nem concreta, não se limita a sínteses de traçados harmônicos. Pelo contrário, preenche, espiritualiza em faustos formais e cromáticos e em gamas tonais, sua gênese teórica. Advém então o fulgor bizantino central na superfície estoica muçulmana. Arte oriental e medieval, com ausência humana, porém com finalidade de ambiência extraterrena para a criatura humana. Com uma beleza de joia litúrgica em retábulo ortodoxo.

José Geraldo Vieira, revista *Habitat* n. 62, p. 38-39.



Sem título, 1976
Óleo sobre tela
26,5 × 34,5 cm

Sem título, série *Umbrais / Altares*, 1976
Acrílica sobre tela
70 x 50 cm



1977

Integra a mostra *Projeto construtivo brasileiro na arte*, organizada por Aracy Amaral na Pinacoteca do Estado, em São Paulo, e por Lygia Pape no Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro.

No fim do ano, Maria Leontina expõe na Galeria Grifo, em São Paulo. Lélia Coelho Frota apresenta o catálogo. A nova série de pintura da artista denominada *Umbrais/ Altares*, vai lhe trazer o prêmio *Destaques Hilton de pintura*, algum tempo depois.

1978

Em São Paulo, participa da mostra *As bienais e a abstração*, no Museu Lasar Segall, e, em meados do ano, a artista integra a mostra *I Encontro Ibero-Americano de Críticos de Arte e Artistas Plásticos*, realizado em Caracas, Venezuela. Ao lado de Maria Leontina, representam o Brasil os artistas Arcangelo Ianelli, Iberê Camargo, Wesley Duke Lee, Antonio Henrique Amaral, Antonio Maia, Tomie Ohtake, Antônio Dias e João Câmara Filho.

Participa da mostra *19 pintores: 30 anos depois*, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, organizada por Maria Helena Milliet Fonseca Rodrigues. Na ocasião, Radha Abramo publica o artigo "A história da nossa arte, na mostra dos 19" (*Folha de S. Paulo*, São Paulo, 26 ago. 1978).



Sem título, 1977
Óleo sobre tela
50 x 70 cm

1977

XIV Bienal de São Paulo.

1978

Debates sobre a exposição As bienais e a abstração, no Museu Lasar Segall, em São Paulo.

I Encontro Ibero-Americano de Críticos de Arte e Artistas Plásticos. Os críticos Roberto Pontual, Aracy Amaral, Carlos Von Schmidt e Heloisa Lustosa representam o Brasil.

Mostra Geometria sensível, apresentada pelo MAM-RJ.

Exposição 19 pintores: 30 anos depois, no MAM-SP.

Incêndio no MAM-RJ.

XV Bienal de São Paulo.



Sem título, c. 1977
Acrílica sobre tela
60 x 60 cm

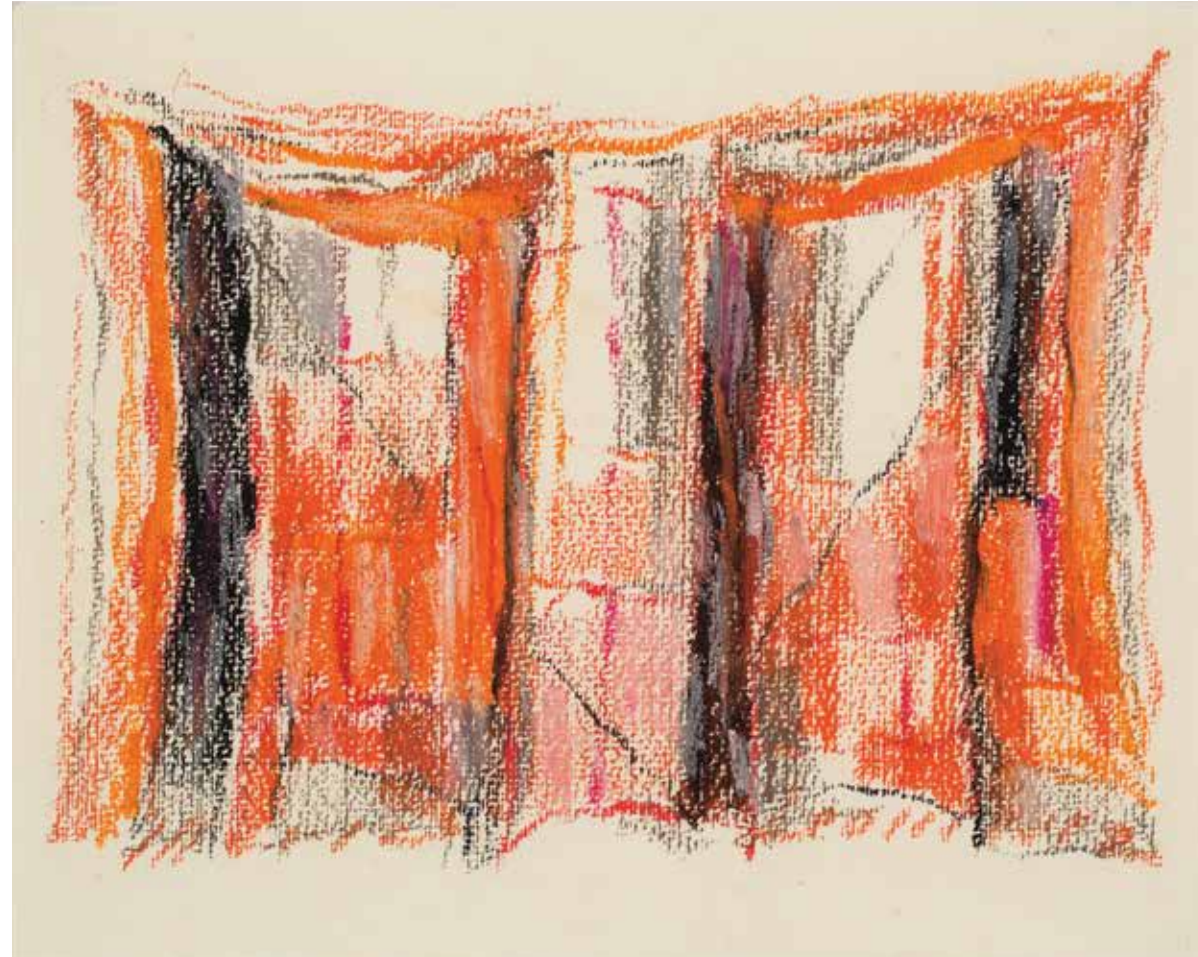
1980

Integra algumas mostras coletivas e participa da exposição *Cinco tendências*, no Centro Cultural Brasil Estados Unidos, em Santos, ao lado de Alice Brill, Gerda Brentani, Iracema Arditi e Niobe Xandó. No Rio de Janeiro, expõe ao lado de Geraldo de Barros, Hermelindo Fiaminghi, Lothar Charoux, Luiz Sacilotto e Maurício Nogueira Lima, na mostra *Concretistas de São Paulo*, na Galeria Place des Arts.

Em meados do ano, Maria Leontina é convidada a integrar a mostra *Destaques Hilton de pintura*, patrocinada pela Cia. Souza Cruz, com artistas que marcaram presença nos anos 1970. Além da artista, participam Carlos Bracher, Carlos Eduardo Zimmermann, Cláudio Tozzi, Glauco Pinto de Moraes, Israel Pedrosa, João Câmara Filho, Pietrina Checcacci, Siron Franco e Tomie Ohtake. A exposição circula por várias capitais do país. Na ocasião, Carlos Von Schmidt publica o artigo "10 artistas e uma década", com depoimento de cada um deles (*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2 nov. 1980). Os críticos de São Paulo e do Rio de Janeiro, entre eles, Lélia Coelho Frota e Walmir Ayala, comentam o evento na imprensa local.

1981

Em abril, uma obra de Maria Leontina é escolhida para destaque do mês, na Pinacoteca do Estado, em São Paulo. Na ocasião, é organizado um debate na Pinacoteca sobre sua obra *Pintura 1967* e o percurso da artista, coordenado por Aracy Amaral. O debate conta com a participação especial de Paulo Mendes de Almeida.



Sem título, déc. 80
Pastel sobre papel
17 x 21 cm

1980

Exposição Concretistas de São Paulo, no Rio de Janeiro. Prêmio Destaques Hilton de pintura, para os melhores da década de 1970. Uma comissão de críticos e historiadores integrada por Antonio Bento, Alberto Beuttenmüller, Casimiro Xavier de Mendonça, Clarival do Prado Valladares, Jacob Klintowitz, Maristela Tristão, Lélia Coelho Frota, Adalice Araújo e Alcídio Mafra de Souza, selecionou os artistas.

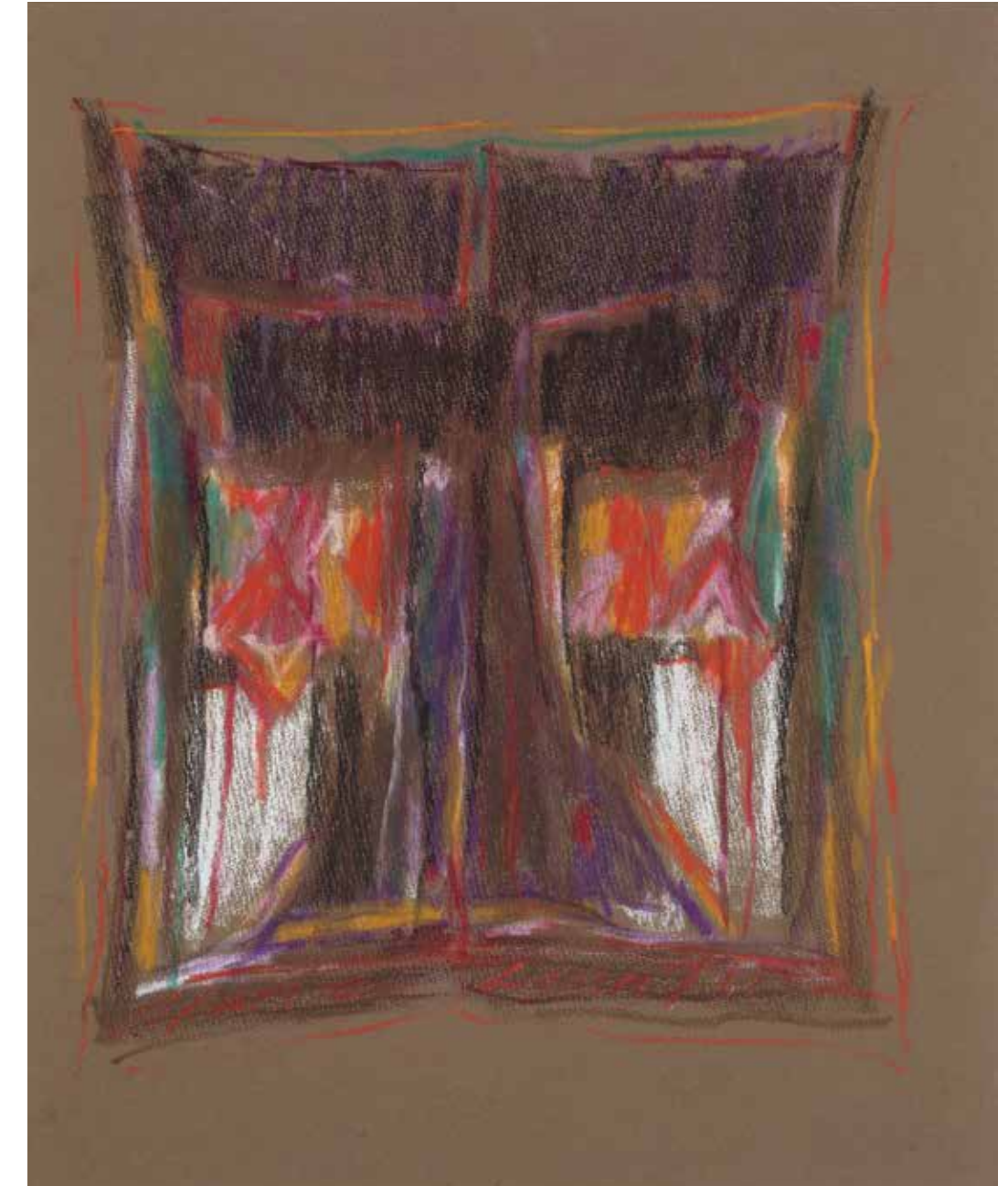
Governo de João Baptista Figueiredo, de 1979 a 1985.

1981

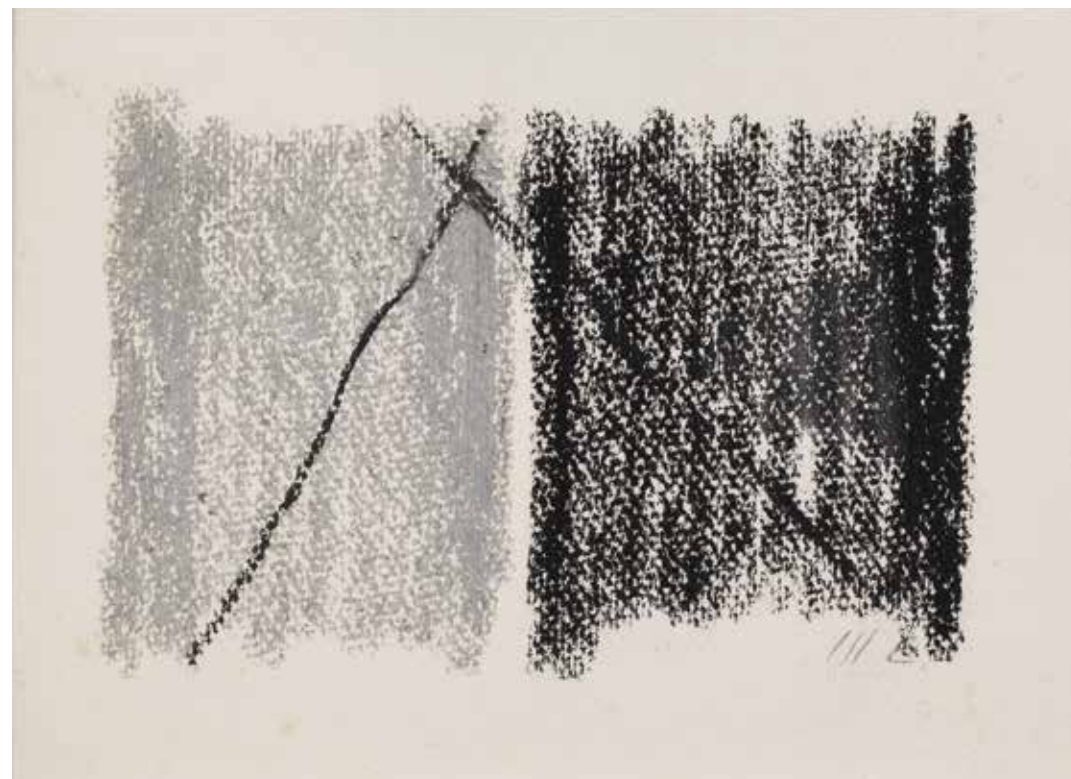
Exposição Retrospectiva de Milton Dacosta, no MAM-RJ, em setembro.

XVI Bienal de São Paulo.

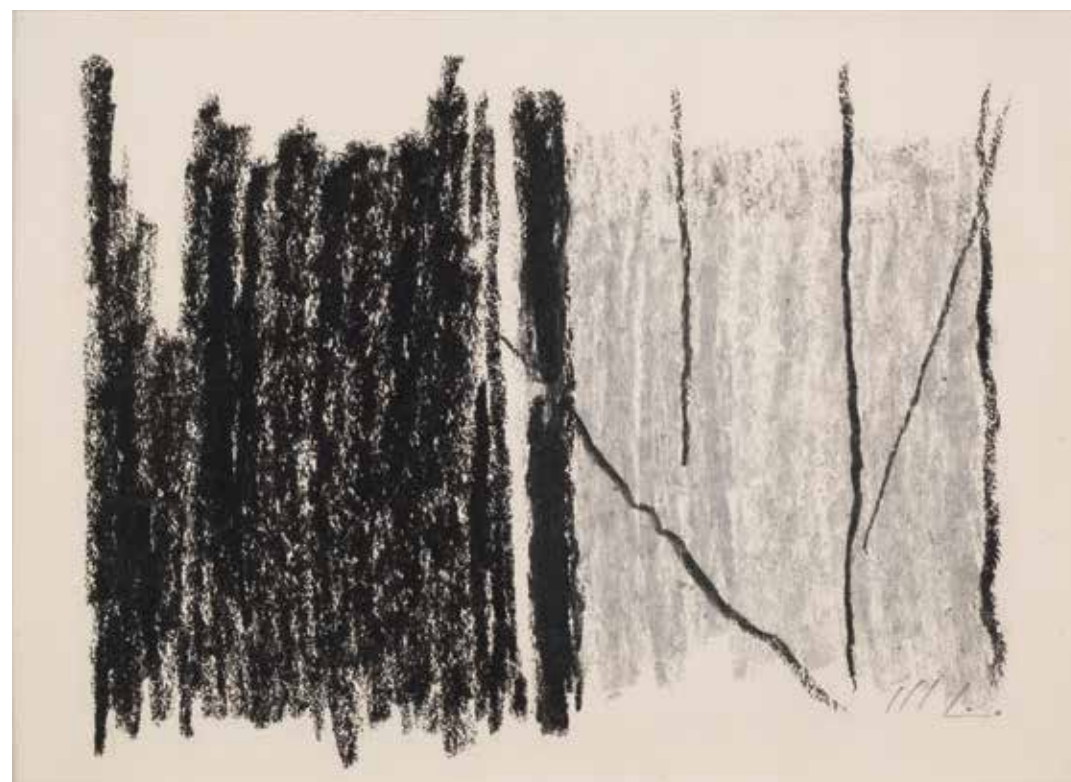
Formação de novos partidos políticos: Partido Progressista (PP), Partido Democrático Trabalhista (PDT) e Partido dos Trabalhadores (PT).



Sem título, déc. 80
Pastel sobre papel
48 x 40 cm



Sem título, 1982
Pastel sobre papel
10 x 14 cm



Sem título, 1982
Pastel sobre papel
10 x 14 cm

1982

Embora enfrentando alguns problemas de saúde, com dificuldades para enxergar devido a um derrame na vista, Maria Leontina continua pintando. Nos períodos mais difíceis, a artista tenta memorizar algumas soluções plásticas para depois realizá-las.

No mês de maio, o Instituto dos Arquitetos do Brasil organiza uma exposição retrospectiva da artista, mostrando sua trajetória em 23 telas. Foi nesse mesmo local que se fizera, 30 anos antes, a primeira individual da artista no Rio de Janeiro. Frederico Moraes comenta a mostra em: "A alma tem seus temas e Maria Leontina os introduz na pintura construtiva" (*O Globo*, Rio de Janeiro, 26 abr. 1982).

1983

Ainda com problemas de saúde, Maria Leontina trabalha em pequenas peças em pastel, intituladas *Estandartes*, em pastel. No mês de outubro, a Galeria GB-Arte, no Rio de Janeiro, expõe esses trabalhos. Na ocasião, Frederico Moraes comenta em *O Globo*: "Maria Leontina está no seu auge" (Rio de Janeiro, 7 out. 1983). E, no fim do ano, a artista expõe trabalhos em pastel na Galeria Arco, em São Paulo. Ao assinar essa série de *Estandartes*, de pequeno formato, Maria Leontina ocupa toda a base inferior do trabalho, do canto inferior esquerdo ao canto inferior direito, utilizando sua assinatura como parte integrante da obra, em cor e forma.

Em artigo posterior, Wilson Coutinho comenta essa fase:

"No ateliér em 1982, Leontina pensava no famoso quadro de El Greco: *São Martinho e o mendigo* (1597), ou melhor, pensava em duas coisas: na tela e no gesto piedoso do santo que partiu sua capa para cobrir um miserável que morria de frio. Trabalhar sobre esse ato e essa percepção era o que pretendia, não fosse a doença que não lhe permitia trabalhar. Mas trabalhou em pequenas peças, estandartes em pastel, que foram expostos na Guanabara (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 jul. 1984).

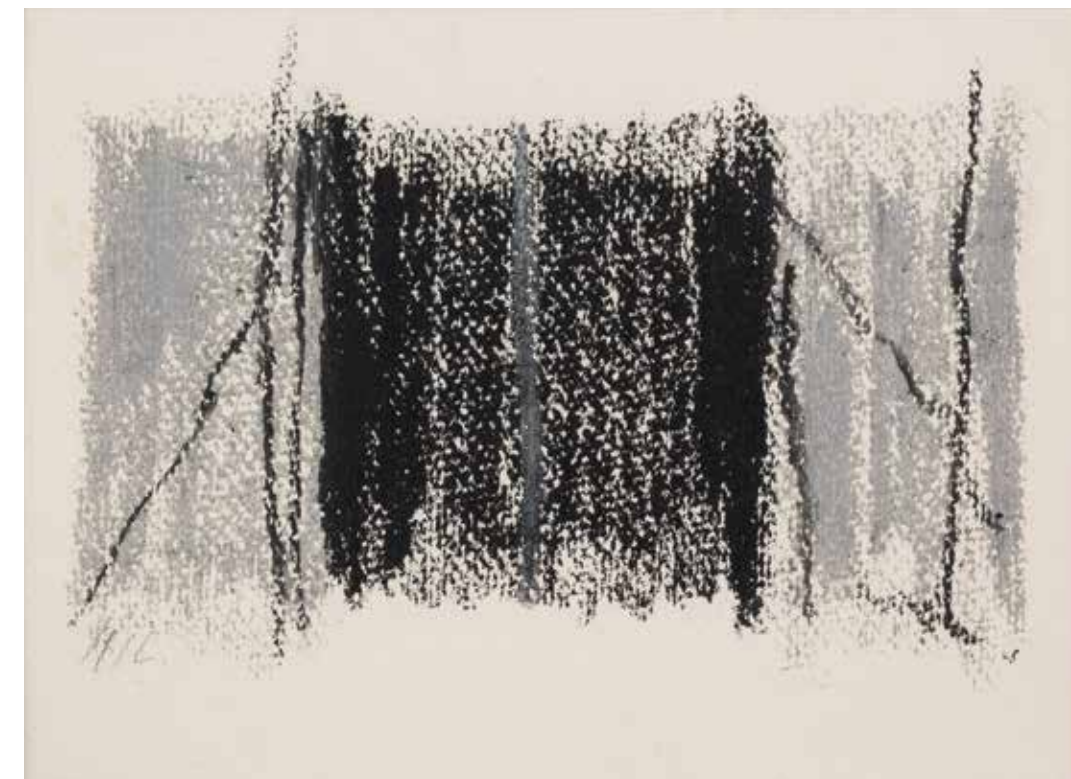
1982

Exposição Do Modernismo à Bienal, no MAM-SP.

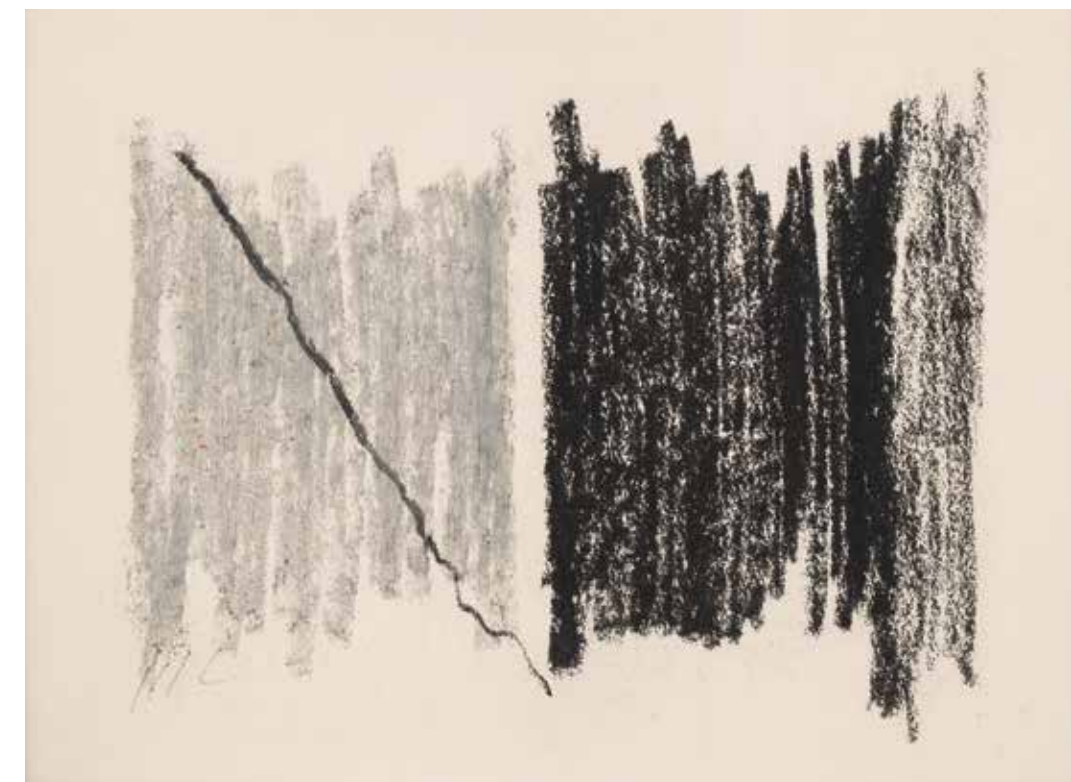
1983

XVII Bienal de São Paulo.

Início da campanha pelas eleições diretas para presidente, no mês de novembro.



Sem título, 1982
Pastel sobre papel
10 x 14 cm



Sem título, 1982
Pastel sobre papel
10 x 14 cm



Sem título, 1982
Acrílica sobre tela
38,3 × 46,2 cm

1984

Maria Leontina falece em 6 de julho, aos 66 anos, vítima de enfarte, depois de algumas complicações de saúde que a mantiveram acamada nos últimos meses. Artistas e críticos prestam homenagem à artista. Radha Abramo publica o artigo: "Maria Leontina partiu, fica sua leveza poética" (*Folha de S. Paulo*, São Paulo, 10 jul. 1984). Já Wilson Coutinho comenta:

"O seu último trabalho, ou o que ela deseja fazer em torno do manto partido de São Martinho, nos informa sobre esse sentimento que possuía. Esse sentimento de ver o mundo transfigurado, feito de beleza exigente e de intenso lirismo" (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 jul. 1984).

Em dezembro, a artista é homenageada no VII Salão Nacional de Artes Plásticas, no Rio de Janeiro.

1984

Exposição coletiva Como vai você geração 80, com artistas jovens do Rio de Janeiro e de São Paulo, no Parque Laje, no Rio de Janeiro.

Exposição A cor e o desenho no Brasil, organizada por Radha Abramo. Mostra circulante por São Paulo, Haia, Roma, Lisboa, Madri, Londres e Paris. Os artistas Alex Flemming, Arcangelo Ianelli, Isabel de Jesus, Ubirajara Ribeiro, Aldemir Martins, Amílcar de Castro, Carlos Prado, Lothar Charoux, Evandro Carlos Jardim, Fayga Ostrower, Luiz Guimarães, José Zaragoza, Marcelo Grassmann, Wilma Martins, Israel Pedrosa, Ivald Granto, Maria Leontina, Miguel dos Santos, Siron Franco e Glauco Pinto de Moraes, participam.

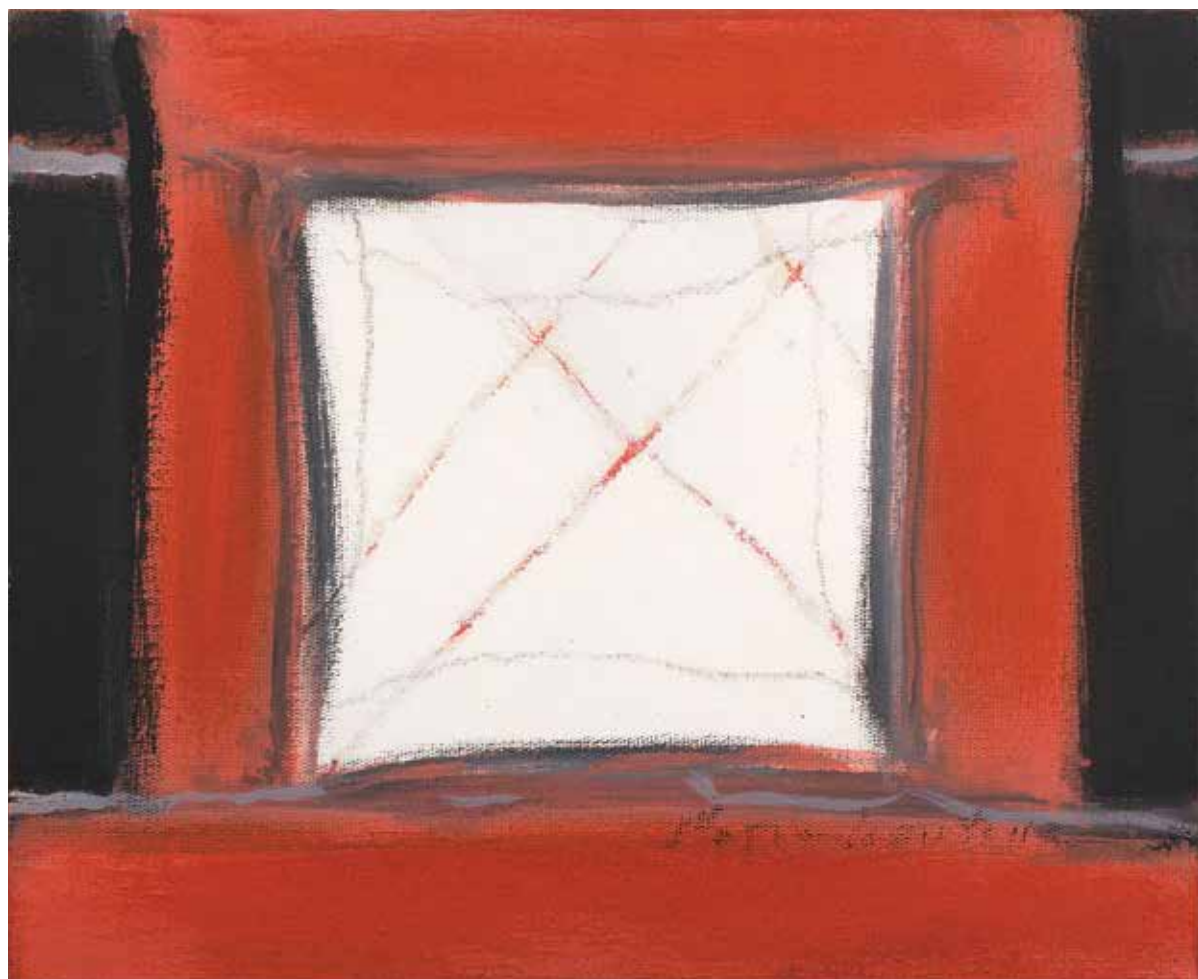
Exposição Tradição e ruptura — Síntese de arte e cultura brasileiras, na Fundação Bienal de São Paulo.

No MAM-RJ, o VII Salão Nacional de Artes Plásticas, que homenageou os artistas Franz Weissmann, Iberê Camargo e Manabu Mabe, além de Maria Leontina.

Histórico comício Diretas Já, na praça da Sé, em São Paulo, e na Candelária, no Rio de Janeiro. Tancredo Neves é eleito presidente, por eleição indireta, em novembro.

p. 77
Sem título, 1984
Acrílica sobre tela
120 x 120 cm





Sem título, 1984
Acrílica sobre tela
22 x 27 cm



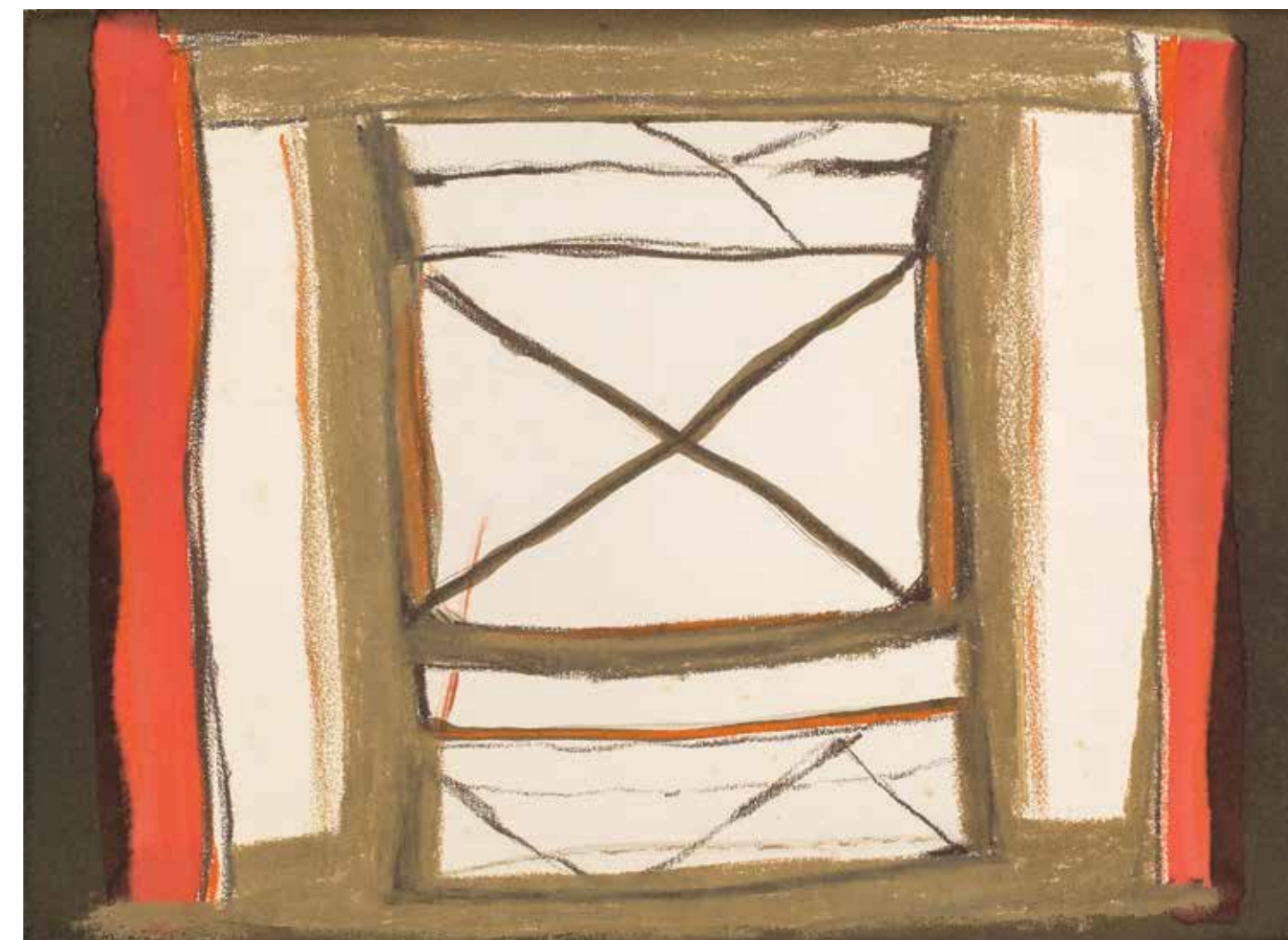
Sem título, c. 1983
Acrílica sobre tela
60 x 92 cm



Poucas vezes se conseguiu ir tão longe na captação do quase indizível, raramente se conseguiu tal nível de sutileza e transcendência. Arte tão requintada e silenciosa não poderia ter repercussão sensacional, mas o tímido clarão que ela acendeu brilhará para sempre.

Ferreira Gullar, *Isto é*, São Paulo, 18 jul. 1984.

Sem título, déc. 80
Ecoline sobre papel
39,1 × 53,2 cm



Sem título, déc. 80
Ecoline sobre papel
39,3 × 53 cm

DAN GALERIA

Diretores
Peter Cohn
Glaucia Cohn
Flávio Cohn
Ulisses Cohn

Agradecimentos

Família de Maria Leontina
Vera e Miguel Chaia
Ricard Akagawa
Sylvia Pinho de Almeida e família
Silvia Cajado

Créditos

Realização
Dan Galeria

Projeto
Dan Galeria

Curadoria
Alexandre Dacosta
Peter Cohn

Texto de apresentação
Alexandre Dacosta

Texto crítico
Paula Braga

Coordenação
Andréa Vasconcellos

Pesquisa
Silvia Cajado

Linha do tempo e cronologia
Silvia Cajado

Projeto gráfico
Paulo Humberto Ludovico de Almeida

Fotos e tratamento de imagem
Sergio Guerini

Foto pessoal
Dulce Carneiro

Editoração eletrônica e produção gráfica
Ludovico Desenho Gráfico

Preparação e revisão
Todotipo Editorial

Obtenção de direitos de uso de imagem
Tempo Composto

Assessoria de comunicação
A4 Comunicação

CTP e impressão
Stilgraf

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Maria Leontina : poética e metafísica / [curadoria
Alexandre Dacosta, Peter Cohn ; texto crítico
Paula Braga]. -- São Paulo : Dan Galeria, 2017.

Exposição: 26 de outubro a 30 de novembro de 2017
Vários colaboradores.
Bibliografia.
ISBN: 978-85-62079-12-2

1. Arte – Brasil 2. Artes plásticas – Exposições –
Catálogos 3. Arte concreta – Brasil 4. Leontina,
Maria, 1917-1984 5. Pintura - Exposições I. Dacosta,
Alexandre. II. Cohn, Peter. III. Braga, Paula.

17-09050 CDD-700.74

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Exposições : Catálogos 700.74
2. Catálogos : Arte : Exposições 700.74



Rua Estados Unidos, 1638
01427-002 São Paulo SP Brasil
t 55 11 3083 4600
info@dangaleria.com.br www.dangaleria.com.br

